



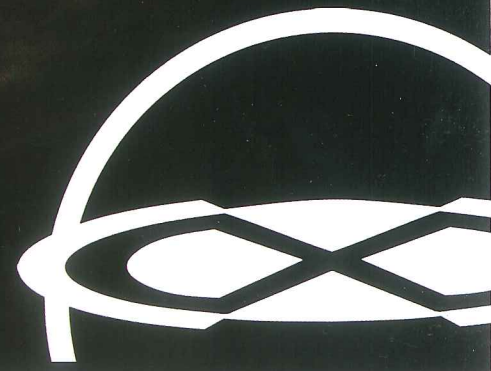
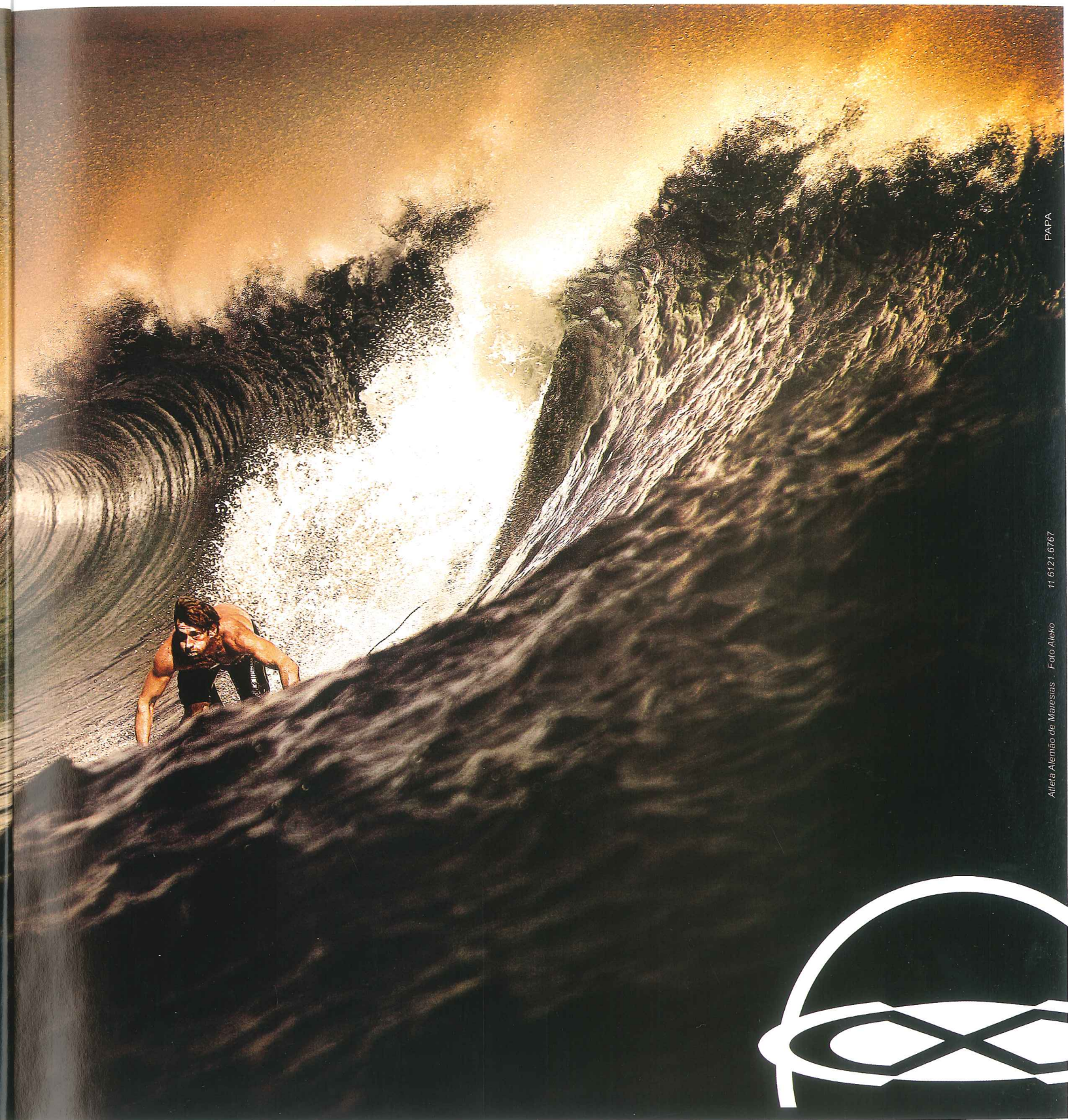
lay back



LuiLui
com.br



Estilo . Atitude . Liberdade



www.southtosouth.com

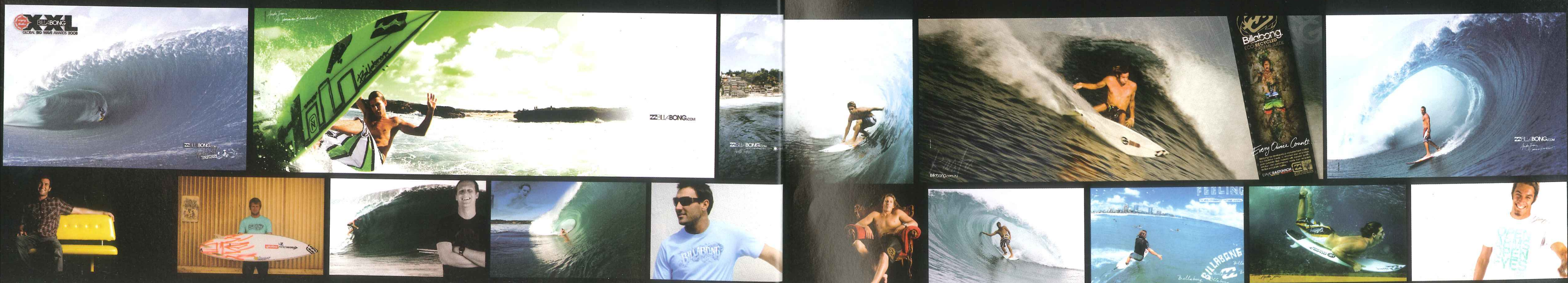
South to South
Surf é nossa Vida

Alteria Alemão de Maresias - Foto Aleko 11 6121.6767 PAPA



 **BILLABONG**.COM

Evolve Icon



marketing@billabong.com.br

HURLEY BOARDSHORTS E TECIDO PHANTOM
MAIS FLEXÍVEL | **MAIS LEVE**
 DO QUE JAMAIS PENSAMOS SER POSSÍVEL | DO QUE JAMAIS IMAGINAMOS

Hurley ((
 WWW.HURLEY.COM/BOARDSHORTS

*ESSA É A
 VERDADE*

Hurley ((XRAY SCAN 9899.673.3371 09.09.09

PHANTOM[®]

FABRIC

PROJETADO PARA PERFORMANCE

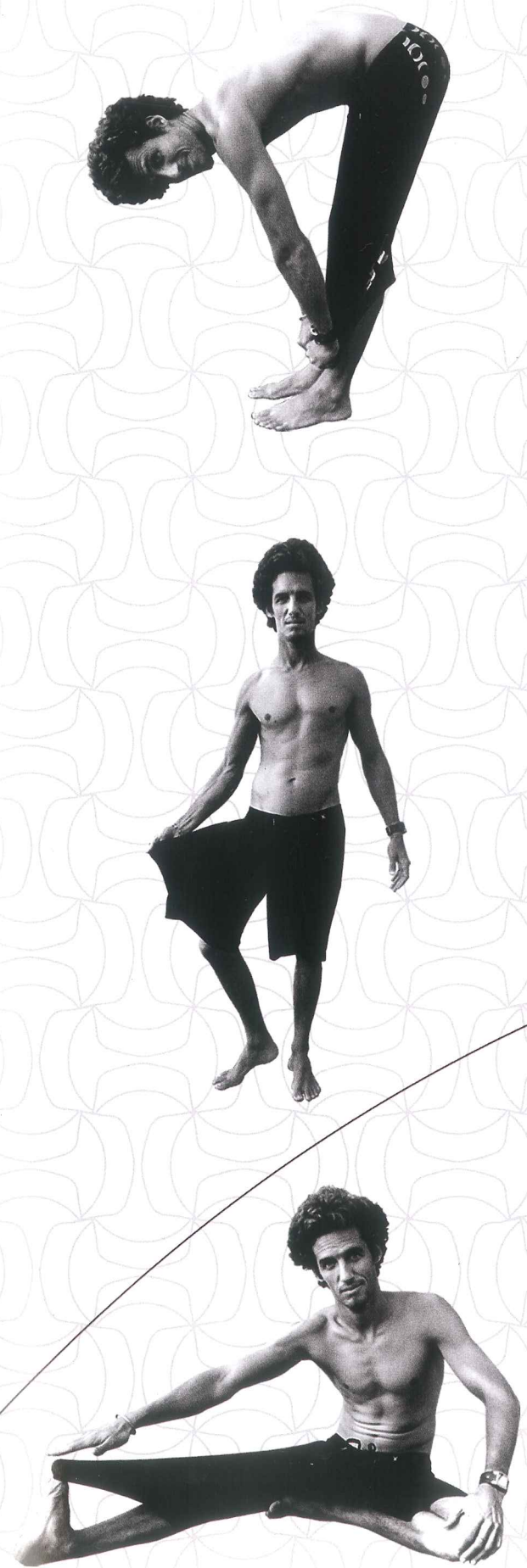
O tecido PHANTOM[®] é o material para boardshort mais avançado tecnologicamente no universo! Projetado para o atleta que demanda pura performance tanto dentro quanto fora d'água! Tão leve e flexível que é como se você não estivesse usando nada!



- Quartz
- repelente de água
- ultra flexível
- secagem rápida
- ultra leve
- anti-assadura

31 150 153 4 170 5 191 6 219 2

Log On To WWW.HURLEY.COM For More Info



ADVANTAGE
 REVOLUCIONÁRIO EM DESIGN PERFORMANCE
 TECIDO PHANTOM • ULTRA FLEXÍVEL
 ULTRA LEVE • SECAGEM RÁPIDA

"SE PREPARE O MELHOR BOARDSHORT DE TODOS OS TEMPOS"
 ROB MACHADO

Hurley



VOLCOM

O que é Atomic Jigsaw?

Exatamente.

A pergunta é a resposta:

É tudo e nada.

É um diálogo neo-científico futuro-primitivo.

É profundo porém mundano.

É um desafio a comprometer-se.

É motivo para exaltar e ridicularizar ao mesmo tempo.

É o que se sabe e o que não se sabe.

Provoca surtos às vezes sem avisar.

O atomic jigsaw te permite descobrir potenciais escondidos.

Aonde quer que você vá, lá está ele.

É ponderar a questão que na verdade é a idéia.

Alguma pergunta?

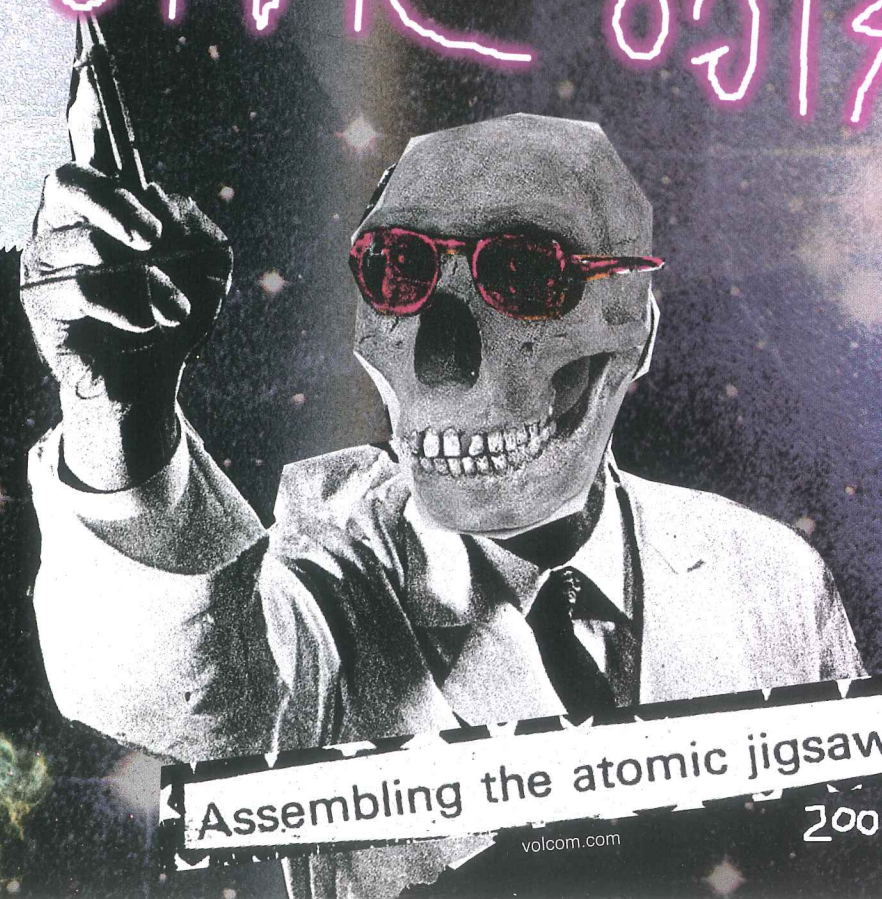
Otimo...

Volcom Stone's Atomic Jigsaw 2008

...convocando em algum lugar perto de você.

Sem sentido, viral, completamente abstrato.

RODRIGO ZINNO



Assembling the atomic jigsaw 2008

volcom.com





RODRIGO "PEDRA"
WCT TEAM **DORNELLES**



FOTO | GUSTAVO VARGAS

VIBEDESIGN

WETSUITS | SERIES . 08

FLOAT
3.2mm



X-FLOAT FEATURES

- 100% STRETCH
- POWERFLEX** | Neoprene superflexível e muito mais leve;
- BLINDSTITCH** | Costura de alta tecnologia, não atravessa o neoprene bloqueando a água;
- COLETE INTERNO** | Neoprene 1,5mm;
- ZÍPER IKK NYLON** | Trava automática, antiferrugem, muito mais leve e resistente;
- NECK TIGH** | Gola anatômica e ajustável;
- FULL PROTECT** | Proteção para o velcro da gola;
- POWER TEX** | Nova joelheira mais resistente;
- JOINT POINT** | Pontos de junção reforçados e personalizados.

CARBON FREE | FREESURF, 1ª MARCA DE SURFWEAR DO PAÍS LIVRE DA EMISSÃO DE CARBONO EM SEUS PROCESSOS.

FREESURF
WETSUITS



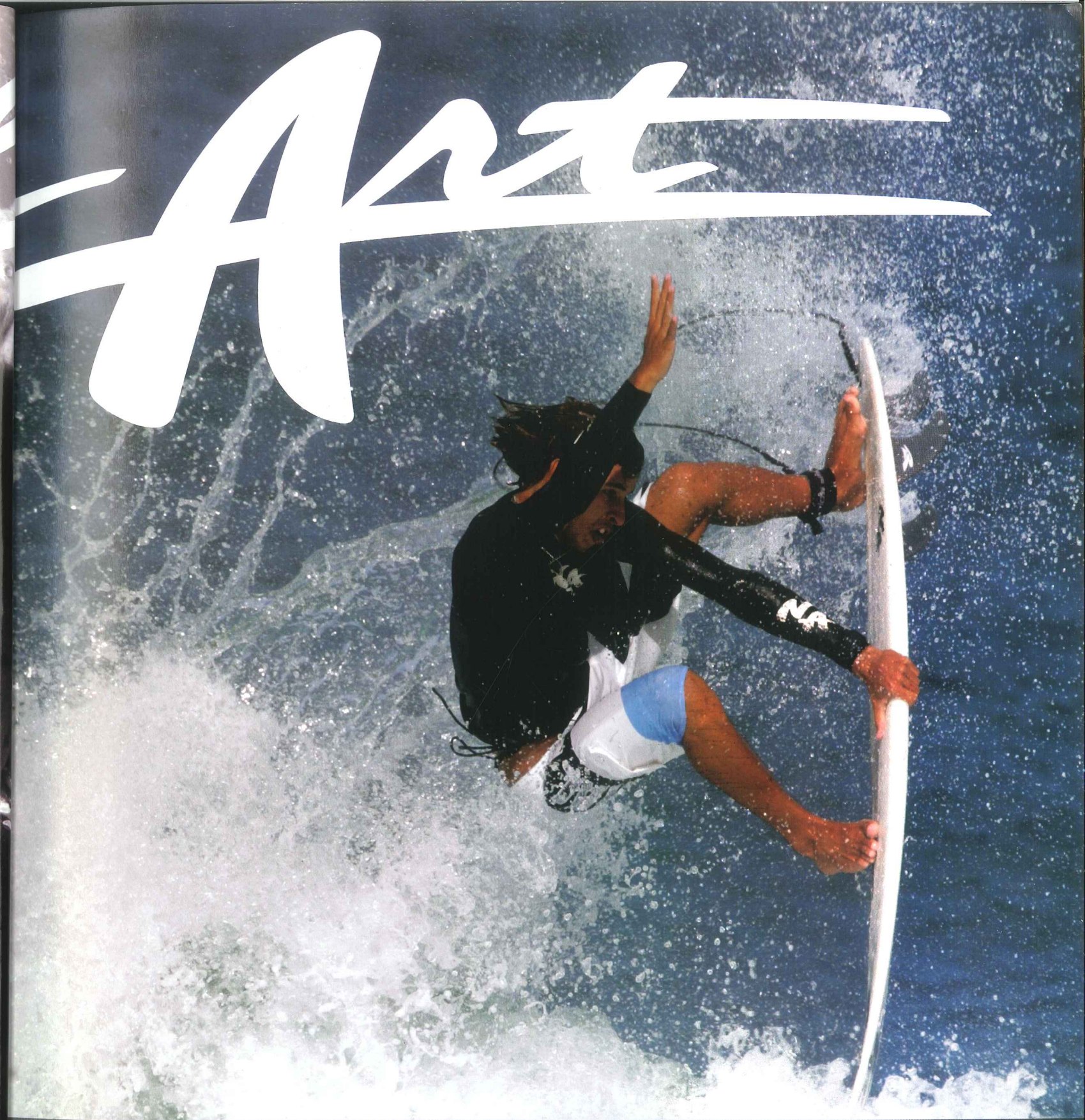
BINHO NUNES
North Shore - **hawaii08**

Local Motion Surfboards
encomendas: www.havengasurfboards.com.br

LOCAL MOTION.

LOCAL MOTION
LOCAL MOTION
LOCAL MOTION
HAWAII
LOCAL MOTION

Natural Art



Alex Ribeiro - Hawaii 2008

Fotos - Luis Claudio DUDA

NATURALARTNA



RESISTÊNCIA. FLEXIBILIDADE

100% PROTEÇÃO UVA E UVB

comprovado regularmente
pelo INMETRO



SPY®
eyewear

w w w . s p y . c o m . b r



Editorial

Ação

Penso que para vocês, leitores, não é novidade a minha paixão pelo Hawaii, e o mínimo que tenho a fazer como editor é dedicar uma edição anual a esta celebração de respeito, amor e admiração pelo arquipélago / maternidade do surf.

Nosso ano é pautado pela AÇÃO, que começa pela execução do plano de trabalho que temos agora como multinacional depois da nossa fusão com o grupo GL/Fagga, que fortalece as operações que projetamos juntos e o próprio segmento, que se torna cada vez mais um dos grandes mercados mundiais de comportamento, moda e entretenimento, e com isto necessita de ferramentas capazes de ajustá-lo e dirigi-lo ao sucesso.

AÇÃO é o tema da V Mostra Internacional da Arte e Cultura Surf, conseqüentemente do FestivAlma Surf, que neste ano recebe o I Salão Internacional do Surf com as 30 melhores marcas do Brasil e do mundo junto da melhor arte, cinema e música, o que torna este o maior encontro do hemisfério sul no setor.

Agindo nesta edição com muita onda boa e grande, muita gente destemida e especial, temos a visão do grande jornalista do surf brasileiro, se não o maior, Fernando Costa Netto, que foi ao arquipélago pela ALMA SURF e nos trouxe uma impressão nova e de fora do mundinho, e, claro, agigantando nossa cobertura, traço básico da sua genial sensibilidade jornalística.

Hawaii, Califórnia, os grandes lançamentos mundiais de cinema, muita cultura, informação e emoção nos movimentam e alimentam, cada vez mais.

É isto: muita ação e muita meditação levam à conscientização. Surf é ação!

Romeu Andreatta

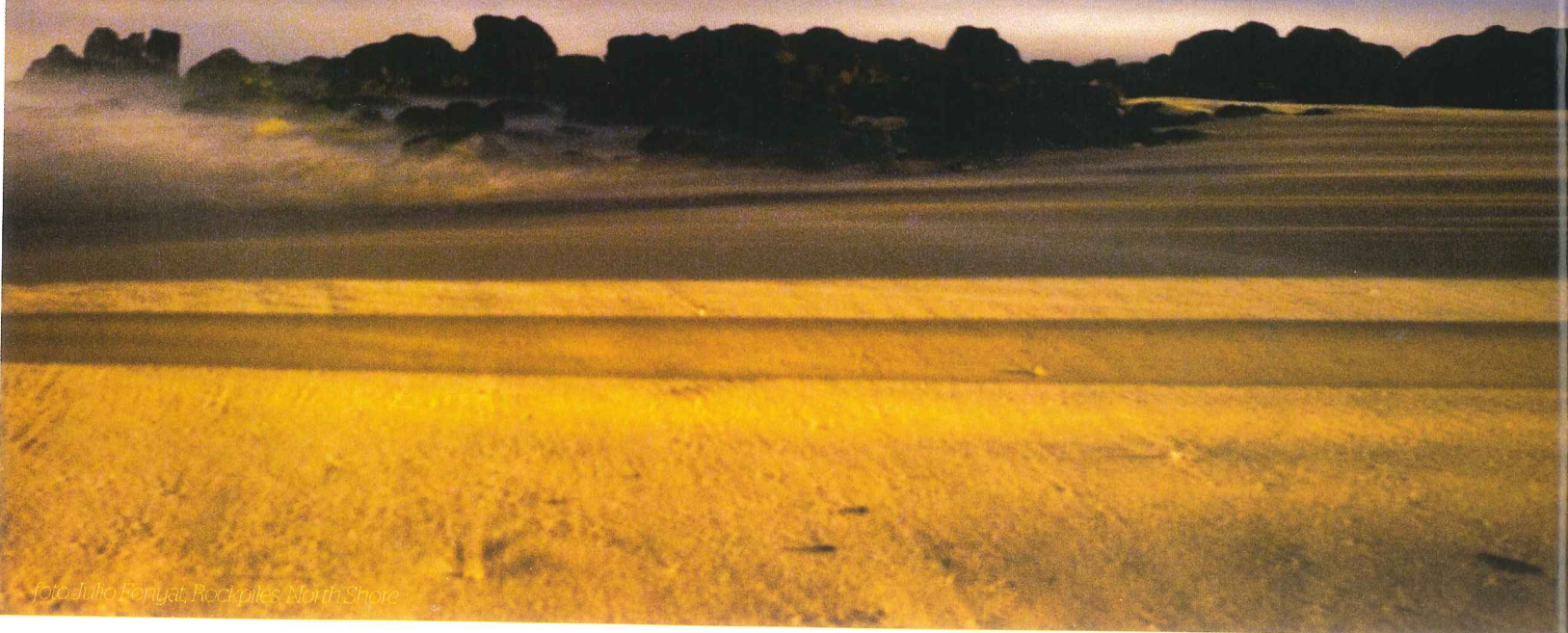


Foto: Julio Forquiat, Rock piles North Shore



SANTA ★ MARIA

www.smsantamaria.com

26 **Cultura**
Amor ao Surf
Surfermag
Carlos Burle
FestivAlma Surf

30 **Sport Surf**
Caindo na Real

36 **Além do Line up**
Quiver, o espelho
do surfista

42 **"Bustin' Down
the Door"**

50 **Crônica
Havaiana**

52 **Hawaii**
Temporada
2008

62 **Kānaka**
North Shore

68 **Christie Shinn**
Uma artista no Hawaii

72 **Pipeline**
O melhor
dos últimos
3 anos

76 **Stand-up
Paddle**

82 **California**
Surf Season

90 **DNA**
Ano novo,
novos desafios,
novas metas

92 **Homenagem**
Aloha La Barre

94 **Cômico**
Surf Mágico



Cosmmos do Brasil Produção Editorial: **Maria Dias Carvalho**

Editor: **Adriano Vasconcellos** vasconcellos@almasurf.com.br

Assistente de arte: **Tatiana Dalla Bona**

Revisão: **Francisco José M. Couto**

Colaboraram nesta Edição:

Textos: Ben Marcus (Califórnia - USA), Bruno Lemos, Fernando Costa Netto, Julio Fonyat, Lane Davey, Pedro Martins, Reinaldo Andraus, Rico de Souza, Sylvio Mancusi e Taiu Bueno

Publicidade: **Mauro Onosaki** mauro@almasurf.com.br

Departamento Financeiro: **Fabio Augusto Pilch** fabio@almasurf.com.br

Impressão: **Araguaia**

A revista Alma Surf é uma publicação bimestral da Cosmmos do Brasil Produção Editorial Ltda. As matérias publicadas não refletem necessariamente a opinião da revista e sim a de seus autores.

Tiragem desta edição: **25.000 exemplares**

Foto de capa: **Sean Davey**, Alligators, Hawaii

Publisher: **Romeu Andreatta Filho**

Direção de Arte: **Cassio Leitão**

Arte Final: **Paulo Espinoza**

Assistente de Redação: **Marília Besser** marilia@almasurf.com.br

Fotografia: Ben Marcus, Bruno Lemos, Destiny Irons, Fernando Costa Netto, John Todd, Julio Fonyat, Lara Molina, Richard Hallman, Robert Brown, Sean Davey, Stuart Gibson

Assistente Comercial: **Adriana Moraes**

Distribuição: **Dinap S.A.** Distribuidora Nacional de Publicações

Jornalista Responsável: **Adriano Vasconcellos** MTB 45720

Alma Cultural: **Fabio Augusto Pilch** fabio@almasurf.com.br
Correspondência Rua Dr. Fonseca Brasil, 295 Morumbi – São Paulo SP
05716-060 Fone: 55 (11) 3744-3711 almasurf@almasurf.com.br

www.almasurf.com.br

Para assinar: (11) 3744-3711 assinatura@almasurf.com.br

a onda certa!!



MODEL: danger

RAFAEL "RATO" ROCHA
**Red
Nose**
SANDALS

acesse www.rednose.com.br/shoes e concorra a prêmios

W

WINTER

11° WATER
9,5° AIR



LOCATION // MUNDAKA
SWELL DIRECTION // NORTH WEST : 315°
TEAM RIDER // KELLY SLATER
WETSUIT // **CELL CL: SIX**
KEY TECH // LFS-II

O FOR EVERY DEGREE OF SURFING.

THERMOFLEX / HFT HEATING SYSTEM / HYPERSTRETCH / LIQUID FLEX SEAL X2 / INTERLOC SEALS
quiksilver.com/cell

CELL
INNOVATION BY
SUBTRACT
Quiksilver

JAMEN IS

NOTRIOUS



arnette
sun^glasses

AN 4097 - Surge

FESTIVAL ALMA SURF

Amor ao surf

A comunidade internacional recebeu positivamente as notícias e os resultados do Festival Alma Surf, movimento que comportou a IV Mostra da Arte e Cultura, o III Festival de Cinema e o II Festival de Música, eventos realizados em novembro do ano passado em São Paulo, no Rio e em Florianópolis. Os comentários da crítica e da mídia foram os melhores possíveis, que elegeram o evento realizado no Brasil como um dos maiores e principais encontros da cultura surf mundial. Keiko Beatie, curadora do III Festival de Cinema Surf, contou que a Mostra chamou a atenção do segmento surf como um todo, despertando o interesse dos criadores e amantes do oceano, que disputaram os espaços e as notícias da exposição, como a própria Keiko conta nesta conversa.

Alma Surf: Oi, Keiko, como a crítica internacional recebeu os acontecimentos do Festival Alma Surf de 2007?

Keiko Beatie: Hi Adriano! Todos estão muito curiosos para conhecer a cultura surf do Brasil, tanto pelo sucesso e repercussão da Mostra do Surf quanto por verem talentosos surfistas brasileiros surfando e competindo pelo mundo. Todos querem descobrir qual é a inspiração que leva os brasileiros a abraçar o esporte e a cultura surf com tanta nobreza, com tanta paixão. Agora, notáveis nomes da indústria surf tiveram a experiência incrível de ser convidados a vivenciar em primeira

mão o Festival Alma Surf, expressando admiração profissional por uma comunidade que produz e se empenha de coração e alma por puro amor ao surf. A origem do estilo de vida dos brasileiros é muito mais legítima do que em outros points de surf. A experiência compartilhada na Mostra despertou admiração pela inteligência e ambição do Festival perante a vanguarda do surf mundial. E as notícias, comentários e imagens que o encontro gerou emocionaram toda a comunidade, em seus mais diversos pontos.

Você esteve atuante e presente em todos os momentos desse encontro da cultura surf realizado no Brasil. Como você viu o público do Festival Alma Surf?

O público do Alma Surf Festival é um seletor grupo de surfistas de alma que se reúnem anualmente no Brasil para trocar idéias e experiências de estilo de vida e buscas, arte, cultura, devoção à própria cultura surf e muitas declarações de amor ao surf e ao próximo. A alegria e a saúde dos brasileiros contagiam, provocam transformações.

O filme *Bra Boys*, do australiano Sunny Abberton, foi o grande vencedor do III Festival Internacional Osklen de Cinema Surf, que também premiou os filmes *Thread*, de Patrick Trefz, como Melhor Fotografia; *Trilogy*, de Taylor Steele, como Melhor Trilha Sonora e Melhores Ondas; mais o prêmio Alma Soul Surf ao escritor Sam George, homenageado pela criação do filme *The Last Wave*. Qual é a sua opinião sobre o documentário *Bra Boys*, eleito Melhor Filme de 2007?

Bra Boys é uma introspecção poderosa de um grupo de surfistas e amigos que cresceram unidos em uma praia violenta, que tornou a vida deles muito mais difícil. *Bra Boys* mostra que o amor ao surf forma e transforma famílias, que no caso a maioria dos *Bra Boys* não tinha. O filme não mostra imagens glamurosas de sorrisos e diversão. Longe disso, revela a dura realidade da comunidade de Maroubra (praia do subúrbio de Sydney, Austrália). O espírito realista do filme cativa o público e faz com que você tenha vontade de se juntar ao grupo entre suas lutas e conquistas. Sunny Abberton compartilha no *Bra Boys* a sua família, alma e amigos.



Donavon Frankenreiter e Romeu Andreatta, Oca/SP
foto de Destiny Irons, Surfermag.com

Surfer Magazine

Os comentários da crítica e da mídia foram os melhores possíveis sobre o Festival Alma Surf, e elegeram o evento realizado no Brasil como um dos maiores e principais encontros da cultura surf mundial. A repercussão do festival foi tão positiva que, além da ampla cobertura da mídia nacional, ele conquistou reconhecidos e valiosos espaços no cenário internacional.

O Surfermag.com, site do principal veículo de informação do mundo do surf, a revista *Surfer*, publicou um artigo assinado pela correspondente Destiny Irons com o título de "Alma Surf Fest: Surf Culture Reigns in Brazil", que comenta a experiência de vivenciar a Mostra junto do marido e editor da *Surfer*, Rick Irons.



Donavon Frankenreiter no Festival Alma Surf, Rio de Janeiro 2007



ANDY IRONS
ANDY IRONS
WEARS KICKSTAND

VONZIPPER.COM

"O Brasil é um país de luz extrema... A praia é o grande espaço de união, livre para todos. Durante qualquer momento os brasileiros que vivem na favela ou na vizinhança rica vão à praia para surfar, pegar sol, tomar um suco, encontrar os amigos e curtir", assim começa Destiny Irons, que traça sua visão sobre o Brasil para valorizar o amor do brasileiro ao surf.

"Romeu Andreatta Filho é um apóstolo visionário da cultura surf. Publisher da *ALMA SURF*, maior revista de surf do Brasil, usa o veículo como condutor de sua mensagem, que generosamente convida artistas de todo o mundo do surf em homenagem ao próprio surf, para expor a maneira de viver o surf na maneira mais nobre. Os Estados Unidos nunca viram um festival nesta escala e com estas dimensões, com artes modernas vinda de artistas, fotógrafos, videomakers, músicos e representantes de diversos ambientes. Todos os convidados são tratados como uma família pelo Romeu, por sua equipe e pelo país inteiro. A energia é tão contagiante que no fechamento de cada exposição os músicos Donavon, G. Love, ALO e Mat Costa se jogavam na multidão de rostos bonitos e jovens. O Brasil é um país onde o surf não é só imagem, é uma maneira de viver que une os contrastes da pobreza e da riqueza, e celebra a pureza e alegria infantis da praia."

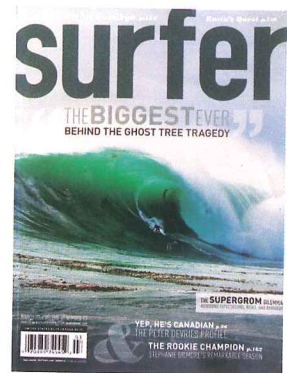
Carlos Burle

Falando em *Surfer*, o big-rider brasileiro Carlos Burle conquistou espaço notável na capa da edição da revista norte-americana, como já dito uma das mais importantes e conceituadas da mídia especializada.

O reconhecimento veio na performance de Burle em Ghost Tree, na Califórnia (EUA), no final de dezembro passado, quando o tow surfer brasileiro pegou um das maiores ondas já vistas naquele pico, numa imagem surreal fotografada por Jason Murray, que, assim como o fotógrafo brasileiro radicado no Hawaii Bruno Lemos, estava presente nesse swell que entrou na baía de Monterey. Essa conquista de destaque é a terceira capa do surfista pernambucano em revistas internacionais, já estampado nas páginas da australiana *Tracks* (mar/02), com um tubo monstruoso de Jaws; e na *Surfing Life* (dez/05), com um layback respeitável em Teahupoo.

Burle custou a acreditar na notícia enviada por Jason Murray, ficando muito emocionado ao receber das mãos do próprio fotógrafo americano a revista *Surfer* que o estampava na capa. "Esse 'prêmio', a capa da revista *Surfer*, veio como um bônus extra na minha busca, na minha vida, que eu jamais esperava, pois conheço e sei o quanto é difícil romper o bloqueio da mídia americana. O sabor do reconhecimento é melhor do que qualquer vitória em competições. A busca de ondas grandes é altamente gratificante em sentimentos e emoções geradores de total harmonia com a existência. Estou muito feliz."

Rick Irons, editor da revista *Surfer*, em conversa por e-mail com a nossa redação, disse que Burle é um dos melhores big riders do planeta, e que merece todos os créditos da *Surfer Magazine*, justificando a escolha da capa. "A foto do Carlos Burle foi escolhida por ser a melhor, mais pesada e maior onda do dia em Ghost Tree".



Carlos Burle em Ghost Tree. Capa da *Surfer Magazine*

FestivAlma Surf

Em uma parceria inédita entre o MorumbiShopping e a revista *ALMA SURF*, aconteceu na segunda quinzena de janeiro o "FestivAlma Surf no MorumbiShopping", exposição do Festival Alma Surf que apresentou ao público artes e pinturas, fotografias e 27 pranchas divididas em duas instalações, uma sob o tema 'consciência' e outra que mostra a 'evolução das pranchas de surf'. Além da mostra, a grande atração foi uma seleção de filmes e documentários exibidos em duas sessões diárias gratuitas, que atraiu um grande número de surfistas e visitantes ao Morumbi Shopping.

"A expressão de alegria e satisfação dos visitantes foi muito gratificante. As crianças interagiram muito com a exposição, querendo tocar as obras, as pranchas. No Cine Tam, o público era realmente de apaixonados por surf", contou Kátia Ardito, gerente de Marketing do MorumbiShopping, que buscou parceria com a *ALMA SURF* para realizar o festival.

"Os elogios que recebemos nos dão a certeza de que o evento foi um sucesso! Trouxemos uma opção de entretenimento para os amantes do esporte. Dividimos com a *ALMA SURF* a crença de que o esporte faz parte de uma filosofia de vida que permeia diversas áreas, como arte, cinema, saúde, esporte e até o modo de se vestir."



GOOFY
viva a vida surfando

Jihad Khodr surfista profissional

apoio cultural Coluna Cult
GOOFY
viva a vida surfando



Caindo na real

Já fui um dos mais ufanistas defensores de nossa cruzada em busca do primeiro campeão mundial brasileiro do WCT. Nos anos 80 e 90 tive o prazer de redigir matérias e escrever editoriais empolgados e otimistas, como editor e dirigindo as redações das revistas *Fluir* e depois *Hardcore*. Quando Fábio Gouveia voltou vitorioso de Porto Rico, em 88, uma de minhas primeiras missões jornalísticas foi voar até João Pessoa para traçar um perfil da mais nova sensação paraibana. Fui muito bem recebido por Painho e Mainha, segui até Baía Formosa e conheci as origens daquela "futura" lenda do surf brasileiro. Somando as direitas alinhadas de BF com as fitas VHS (gastas) nas quais Gouveia estudava a técnica de Curren, já dava para perceber de onde viria a linha de surf tão decantada de Fabinho. Era até possível imaginar que esta seria a primeira de uma dezena de portas, pioneiras, que Fabinho abriria para o surf nacional. Tudo indicava que Gouveia era a ponta de um grande iceberg que iria espetar o mundo "estabelecido" do surf. E foi!!! Os brasileiros vieram. Fincaram o pé, a bandeira, na elite. Chegaram a ocupar 9, 10, 11 das 45 posições do WCT até o início dos anos 2000.

Mas eis que nos aproximamos da década de 2010 e nossa participação começa a minguar. Iniciamos 2008 com apenas seis atletas entre

os 45 melhores do mundo. Isso não acontecia desde 93, quando Fábio, Teco e Peterson eram nossos únicos representantes. De 91 a 2001 sempre tivemos pelo menos um brasileiro entre os Top 16. Brigar pelo título, mesmo no ano em que Victor Ribas foi o terceiro melhor do mundo, nunca foi uma realidade palpável para nós. Os campeoníssimos australianos, senhores do WCT nos anos 70 e 80, pensaram oito longos anos para recapturar essa coroa. Isso porque nos anos 90 tiveram apenas dois títulos, com Damien Hardman (91) e Occy (99). A temporada 2008 e a década de 10 (que está aí na esquina) começam a apresentar uma nova realidade. Como iremos nos encaixar nela? Será possível que nossos sonhos mais altos, até lá, sejam pretender apenas o hexa na copa (a da Fifa) da África?

QUEM PODE, PODE

A performance de Leo Neves, na copa mais famosa do mundo do surf, a O'Neill World Cup, em Sunset Beach, foi um fato isolado para nos encher de orgulho. Sua derrota para Makuakai nos instantes finais da bateria pode ser considerada uma fatalidade. A chance de uma onda daquelas aparecer para o havaiano era mínima. A de ele não cair ao ariscar o que ariscou... menor ainda. Viesse aquela onda no início, ou no meio da bateria, um 8 estaria de bom tamanho, a vitória seria do brazuca.

Engulamos em seco. O nome de Leonardo Neves (ainda) não está gravado naquela copa, ao lado de Gouveia e da constelação que já teve o prazer de erguer a mais cobiçada World Cup do surf. Neves terá a chance de seguir sua saga e utilizar o momentum desta performance para entrar na temporada 2008 como um dos 20 melhores do mundo e subindo no ranking.

O campeonato de Sunset nos leva a outras reflexões. Na finalíssima, além de Leo e Rothman e do campeão mundial Mick (que ficou em terceiro), figura o nome de Daniel Ross. Daniel arreventou durante todo o evento de Sunset, que contou com ondas pesadas, condições beirando o controle em algumas das fases, foi o herói da última etapa do WQS, veio de trás, foi até a final e carimbou, ali, na moral... seu passaporte para o WCT. Não é à toa que escolhemos esta foto de Dan, dropando as ondas geladas da Tasmânia, para abrir a coluna desta edição.

Cair na real é entender o processo que forma a elite do ASP World Tour. Daniel Ross nunca será campeão do WCT. Rossy é mais um surfista atirado e competente, como Kieren Perrow, mas que nunca será campeão do mundo. Aliás, o grande universo de australianos, havaianos, sul-africanos, etc., nunca será campeão do mundo. A tese toda da coluna desta edição é esta: para ser um campeão do disputado WCT é preciso muito mais que ser um bom surfista. O papel da maioria dos Top 45 e daquelas outras centenas de surfistas que ralam no WQS, é de meros coadjuvantes. O que um dia trará um campeão mundial brasileiro para ficar na frente dos holofotes é a seguinte sinergia de fatores: talento – estrela – competência – sorte – insanidade sob controle – inteligência.

Daniel Ross despenca em Shipstern Bluff. A atitude tornada deste aussie lhe valeu o ingresso na elite.

foto de Stuart Gibson, acervo IV Mostra do Surf

KUSTOM



MUSTANG 2
Black PU

Você encontra Kustom nas melhores Surf Shops do Brasil e nas Lojas Billabong:
Oscar Freire | Shopping Morumbi | Barra Shopping | Shopping SP Market

Paremos um pouco para analisar os verdadeiros campeões do surf. Occy, um fenômeno por si só, surfista de maior longevidade competitiva, foi campeão em uma única ocasião (99). Martin Potter, gênio do surf progressivo, cultuado (com razão), batalhou por seu único título (89) até que os juízes entendessem o rumo que o surf estava tomando, ele ditando. Sunny ficou na fila (atrás de Occy) para garfar o seu. Os anos 90 foram de Slater, os anos 2000 se polarizaram pela espetacular briga entre Andy Irons e Kelly. Mesmo o título de C. J. Hobgood, em 2001, é cercado de controvérsia, pois foi campeão sem vencer um único evento. Os dois irmãos Hobgood pegam muito. Mas será que eles têm (de fato) o pedigree de um campeão mundial do WCT?

GERAÇÃO 10

Mick Fanning incontestavelmente carrega este mantra, uma aura de vencedor. Ninguém vai ficar admirado se em 2008 vier o bi. Depois o tri... E Taj e Parko? Andy certamente não está satisfeito e tem potencial, know-how e apetite para mais. Apenas um surfista será campeão em 2008. O que começa a ficar claro, quando nos aproximamos para a virada da década de 10, é essa nova safra que chega fazendo barulho. Jordy Smith, que acabou de completar 20 anos (só para registro – o cara nasceu no mesmo dia que Slater – só que 16 anos mais tarde) e Dane Reynolds (22) são as sensações para a temporada. Reynolds adora deixar o peso, a pressão, em cima de Jordy. Está querendo ser um “come quieto”, mas quando os resultados começarem a aparecer... e irão aparecer, não haverá mais o que camuflar. O talento do cara é um absurdo. E Jordy, como será seu ano de estréia? Fará jus às expectativas? Tem uma meia-dúzia de caras que, se Smith der uma simples

vacilada, tomam o troféu de “rookie of the year” dele, num piscar de olhos. Lembrem que Kai Otton quase fez isso com Jeremy Flores nesta temporada. Falando em Jeremy, vamos voltar um pouco mais nas temporadas. Em 2006 Flores foi a sensação do WQS, em 2005 nosso Mineirinho entrou em cena gerando os mesmos fogos de artifício. Resta saber quando um desses garotos, com perto de 20 anos, vai começar a vencer etapas do WCT. O rookie Martinez não conta, pois em 2008 Bobby já vai fazer 26 e está mais para a geração de Mick e Joel do que para a “Geração 10”, vamos chamar assim estes recentes teenagers, que irão estourar nos anos 10. Bem, já que tocamos em Mineirinho, vamos começar a dissecar a tropa brasileira que está enfiada nas trincheiras da elite. O caso de Adriano de Souza é de partir para se posicionar entre os 10 primeiros do ranking, isso já, se não for em 2008, de 2009 não pode passar. A partir daí, como Andy Irons foi fazendo aos poucos, construir um volume de surf que possa impor respeito. Adriano já sabe administrar bem uma bateria, tem talento inerente, falta encaixar o seu surf nas ondas do Dream Tour. Treinar, treinar e treinar em ondas pesadas. Até que elas estejam entranhadas em seu lifestyle pro. (Enfrentá-las não seja grande coisa). O tempo é agora. Chegou a hora da revelação. E quem vem lá? Jihad entrou em cena abocanhando o título de rookie da Triple Crown. Isso não é pouca coisa. O título foi de Jordy no

ano anterior e já foi entregue a grandes surfistas. Jihad deve brilhar nos points de direita do tour: Gold Coast, J-Bay & cia. Um competidor mortífero nesse tipo de onda similar a Matinhos. Até que ponto seu surf poderá evoluir de nível, após o contato com a poção mágica do ambiente elevado e instigante, desafiador e competitivo do WCT, é um ponto de interrogação. Nosso outro rookie, Heitor Alves, tende a ser mais letal nas esquerdas. Caso Heitor se adapte com presteza às ondas mais pesadas e maiores, mantendo o fator surpresa da espontaneidade de seu surf, deve colocar para escanteio alguns “established” pros. Mas ainda não dá para enxergar potencial brazuca para entrar numa briga pelo título mundial.

PASSADO & PRESENTE

Na temporada passada perdemos um de nossos potenciais guerreiros de ponta: Raoni Monteiro. Raoni faz parte da geração de Mick & cia. Ainda é jovem o suficiente e talentoso de sobra (admirado até pelos gringos) para assimilar o baque e voltar focalizado na tarefa à frente. A busca da evolução deve ser uma constante. Um exemplo clamoroso é a performance de Pedra em 2007. O melhor ano da carreira de Rodrigo Dornelles; aos 33 foi o melhor brasileiro no ‘CT e no ‘QS. Poderá se superar em 2008? Conseguirá Vitinho voltar à elite em 2009, quebrando o recorde (tirado de Renan Rocha) de Pancho Sullivan, surfista mais velho a ingressar no WCT? Mas isso são apenas alegorias. Vamos ao que interessa.

Neco foi nosso último atleta a subir no degrau mais alto de um pódio de WCT, isso foi em 2002. Faz cinco longos anos. Aos 31, Neco transpira uma garra digna de nossos maiores campeões, um desejo ardente de vitória e um patriotismo “sênico”. Talvez o caçula dos Padaratz ainda seja o atleta com maior tarimba para conseguir nossa próxima vitória numa etapa do CT. Só que um título de toda a temporada... Isso ainda parece que estamos mais perto de almejar com o surf feminino. Silvana Lima se manteve com chances até a última etapa de 2007 e tem surf para brigar pelo caneco feminino. Tudo é uma

Rodrigo Dornelles foi nosso melhor atleta na temporada 2007. Um veterano mostrando o caminho.

Aos mais jovens, inspiração e superação

MAKE
YOUR
ACTION

BEST

X-TREME RADICAL
SPORT VISION

(18) 2101 4200

WWW.XTREMERADICAL.COM

questão de foco. FOCO que Mick Fanning não perdeu para pontuar de forma magistral em praticamente todas as etapas do ano passado. Silvana e Jaqueline (que já foi nº 2 do mundo em 2002 e na verdade foi a última a vencer uma etapa de WCT para o Brasil, na Gold Coast, o Quiksilver Pro de 2004) fazem nossas honras no feminino, mas há de se pensar em renovação. Que venham as Brunas e Dianas; e que cheguem apavorando as gringas. Mas por falar em apavorar mesmo, somos obrigados a abrir um parágrafo para Pablo.

O cearense Pablo Paulino é bicampeão mundial Pro Junior. Foi perceptível a frustração dos locutores australianos na internet, à medida que ele demolia os grandes ídolos locais em sua trajetória avassaladora até a final. Pablo atropelou todo mundo neste último Billabong Pro Junior, de "goleada", só não goleou os aussies Julian Wilson e Mitch Coleborn (guardem estes nomes), que devem estar no WCT nos anos 10. Cabe a Pablo ter uma atuação esmagadora, como a de Souza (2005), Flores (2006), ou Jordy (2007), no WQS de 2008, para reafirmar a supremacia brasileira no segundo escalão. Mas isso nos leva de volta ao WCT. Poderá Pablo ser o surfista que nos trará este cobiçado título? Entre 2004 e 2007 (seus dois mundiais juniores), Pablo perdeu o "famoso" foco – a arma de Mick Fanning. Talento transborda de nosso garoto. Ninguém discute a(s) vitória(s) dele na Austrália. Em Punta Rocas grande, na seletiva para a Divisão Sul-Americana, ele não levou, mas foi disparado o que mais andou. Sua linha poderia ser definida como uma fusão de Parko com Gouveia e uma pitada de Occy. Esquece – a linha é dele. Basta colocar a cabeça no lugar. Foco! O resto é talento – estrela – competência – sorte – insanidade sob controle – inteligência, só!? Não estou nem colocando os quesitos de preparo físico e psicológico em questão, pois isso é ponto pacífico.

MORAL DA HISTÓRIA

Não será fácil. Além de Jordy Smith, Dane Reynolds, Julian, Jeremy e seus contemporâneos, Pablo, Adriano e outros dos nossos da geração 10 terão de lidar com a experiência de Andy, Mick, Parko, Bobby & cia., que certamente não irão largar o osso de bandeja para a molecada. Fechando o ciclo, voltando ao ponto xis da

questão. Por que Taj Burrow não foi campeão, até agora? Faltou o quê? Foco!!! Esse ano ele até acertou melhor o dele, só que Fanning estava mais focalizado. É claro. Mas obviamente não é só isso.

Ser campeão mundial é para poucos mesmo. Vários surfistas de reconhecido talento nunca serão. Levemos em conta a saída de Kelly de cena. Se não for nessa temporada (ele só continua no jogo se sentir que pode ficar com o nono título neste ano), será na próxima, após o deca. O fato é que Slater, o maior de todos, o parâmetro, não será carta no baralho nas temporadas dos anos 10. Os próximos campeões mundiais serão construídos, definidos em cima da competência. O surf está ficando um esporte cada vez mais sério. Sem nunca perder aquela aura selvagem. A sensação de lidar com a natureza, o risco, a imprevisibilidade, o imponderável. A coragem. A alma única do surf. Um surfista sem alma nunca será campeão. Um termo interessante em inglês é 'commitment' – comprometimento total. Vamos pegar o caso de Andy Irons. Em 94 ele era um dos moleques sensação do Mundial da ISA realizado na Barra da Tijuca; em 97, aos 19 anos, entrou para o WCT; obteve sua primeira vitória no OP Pro de 98; caiu para o WQS na temporada de 99; voltou em 2000. Acertou o foco. Em 2002 foi o melhor surfista competitivo do planeta. Teve a capacidade de segurar um Kelly (babando) em 2003 (ano em que venceu 5 etapas do WCT) e 2004. A.I. vai completar 30 anos em 2008, levando em conta que Occy e Slater, os campeões mais velhos da história, venceram com 33 anos, Andy deve estar abrindo alas nos anos 10 para a geração 10. A não ser que venha mais alguém quebrar esta barreira e vença um

mundial beirando os 40. Não enxergo estes garotos, que estão chegando, aliviando nada para a velha guarda. Mas Andy Irons é o exemplo da maturação de um grande surfista. Um campeão nato – 'committed' com a caça ao título. Seu irmão Bruce é tanto ou até mais talentoso do que ele. Só que provavelmente será mais um que nunca será campeão do mundo.

OTIMISMO

Hoje, quando Kaká e os Ronaldos recebem o prêmio de melhor jogador de futebol do mundo, ninguém discute e sim bate palmas. Pelé só existe um. Reverenciamos Fanning, Slater, Irons, eles foram os melhores em determinados anos. No automobilismo formamos uma dinastia, com Fittipaldi, Piquet, Senna. Não adianta querer que Barrichello ou Massa sejam o que não são. Vamos agora pegar o exemplo de Gustavo Kuerten. Ele foi o número 1 do planeta, também reverenciado mundialmente, na virada do milênio. Em que lugar está o melhor brasileiro hoje na ATP? É irrelevante. Guga foi único. Viveu o seu momento. É um campeão mais legítimo que C. J. Hobgood. Espero que na ocasião em que, finalmente, sagremos nosso nº 1 no WCT ele seja aclamado com respeito similar ao que Pablo Paulino, Sandro Dias e Phil Rajzman alcançaram em 2007. Unanidades.

Mas sendo realistas. O diagnóstico do cenário atual é ainda mais desafiador. Lá em cima ficam os deuses sagrados (Kelly, Andy, Mick, Parko, Taj e poucos outros) guardando as porteiras do paraíso. Também querendo agarrar uma das alças do "graal", além do escalão intermediário, a geração 10, muito forte globalmente, vem nadando de braçada. Se no passado o Brasil veio com Gouveia, Teco, Peterson depois sete, dez caras sedentos, hoje os sul-africanos e a Euroforce (ambos com quatro surfistas cada) começam a abrir seu espaço dentro da elite. Ao constatar que nossa participação caiu para apenas seis surfistas, isso retrata uma certa vulnerabilidade. Com a globalização abraçando o mundo do surf, é inevitável surfistas de novas regiões entrarem em cena. Algumas das forças estabelecidas, terão de ceder espaço. Estejamos preparados. A transição para a geração 10 está em curso. A rapidez com que a nova turma vai dominar o trono está em relação direta com a capacidade de Andy, Mick, Parko, Taj, Neco e os Hobgoods segurarem este rojão. E considerem mais: um campeão mundial não deve surgir da noite para o dia (isso só Kelly – o Homem, conseguiu). Como Andy, Occy, Sunny e Mick, terão de vir construindo um respeito, cancha, cometer erros estratégicos, de falta de foco, antes de conquistar o título máximo da ASP. Se ocorrer de outra forma, anatem: o cara é gênio e tem talento – estrela – competência – sorte – insanidade sob controle – inteligência, de sobra.

Pablo Paulino, duas vezes sagrado o melhor do mundo. Tudo indica que "chegou a hora".

Será um reforço para impor respeito.



QUIVER, o espelho do surfista

"As pessoas surfam exatamente como elas são. A prancha deve parecer com a pessoa que surfa com ela." Essas são frases do mago dos shapers, o lendário Dick Brewer, em entrevista concedida ao meu programa, o Mauka Rad, transmitido no canal Sportv, nessa temporada havaiana. Como que para um bom entendedor poucas palavras bastam, essas duas frases significam muito, principalmente pra mim, que tenho uma ligação muito intensa com o surf. A produção do quiver é o primeiro passo de maturidade no esporte, e esse é o tema desse artigo.

A variação acontece não só no tamanho das ondas, mas também nas suas condições, se são tubulares, gordas, longas ou curtas, e nas do vento, fatores que indicam opções no aumento do número de pranchas no cartel do surfista. Que muitas vezes também podem flutuar na diversidade de materiais e modelos, para uma mesma condição de mar, dependendo somente da linha que você está inspirado a escolher.

No caso do surfista praticar outras modalidades dentro do esporte, como tow-in e kitesurf, que é o meu caso, o número de pranchas no quiver geralmente dobra:

Aqui no Hawaii cada praia merece um tipo de prancha, e acredito que a cada 4 pés na diferença do tamanho do swell também muda o tamanho da prancha ideal. Em Sunset, para

pranchas de 4 a 8 pés eu uso uma 7'4. De 8 pés pra cima, até 12, coloco na água uma 8'2 tradicional.

Em Banzai Pipeline, cavada e potente, diminuo cerca de 3 a 4 polegadas nas pranchas, no cálculo de pés de onda descrito a acima. Devido à alta velocidade no drop, uma polegada a mais no bico é suficiente para tornar o sonho um pesadelo. Outro detalhe técnico é que, usando pranchas menores, você pode ficar ainda mais dentro dos tubos, e é por isso que monto meu quiver para Pipeline com uma 6'8, e 7'2 e 7'10. Em Waimea costumo surfar de 10'3, porque ali a parada é a remada. Mas já usei pranchas maiores no passado. Porém, hoje, prefiro ficar um pouco mais embaixo do pico esperando a série... Pura questão de gosto.

Em Mavericks, onde a onda é mais longa, muitos estão usando prancha ainda menores, caindo para cerca de 9'8. Em Mavs a onda mais longa necessita maior maleabilidade do foguete.

Estão aí as sugestões, acredito que esse seria um quiver ideal para um surfista que tem em média 1,75 m e 83 kg, e quer estar preparado para uma temporada havaiana.

No tow-in, em ondas de 10 a 15 pés, na ilha de Oahu, em picos como Phantoms, tenho uma triquilha 5'9 e uma quadriquilha 5'10.

Já em Jaws tenho um quiver que comporta três pranchas, duas 6'0 e uma 5'11. O peso também

varia bastante, pois para Oahu, por exemplo, pranchas de 5 quilos bastam, mas para Jaws, o foguete precisa ter cerca de 10.

A colocação do peso nas pranchas normalmente é feita paralelamente à longarina, marcando o meio da prancha e dividindo o peso igualmente para os lados, com cerca de 15% de sua centralização de peso mais para a rabeta da prancha.

O shaper Bill 'Stretch' Riedel, da Stretch Boards, famoso na construção das quadriquilhas, criou um novo conceito, em que simplesmente adiciona o peso desejado na forma de "quadrados", meio que parecido com os pesos que são usados na cintura dos mergulhadores. Com o Stretch, o surfista pode escolher entre os quivers de pesos e decidir qual é o mais adequado para determinada sessão de surf. O peso é utilizado em condições de ondas gigantes que apresentam os adrenalizantes bumps, já que em ondas médias e lisas, por exemplo, o peso se tornaria prejudicial.

No kitesurf uso uma fish 5'10 modelo retrô, sem alças. E uma outra 5'10 com alças, para vôos maiores. No caso de ondas grandes para o kitesurf, busco uma de tow-in 5'10 bem mais pesada.

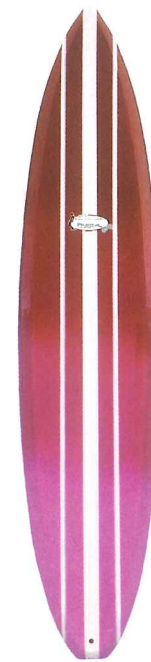
por Sylvio Mancusi

Stand Up By Pastor

Paddle Boards Modelos Especiais



12" Basic



11" Mix



10" Wave



Fotos: Ricardo Avanti



Loja By Pastor

Rio - Brasil

21 24911456

www.bypastor.com

Hawaii, pista de testes ideal para o big rider Sylvio Mancusi, como nesta onda em Pipeline, na foto de Julio Fornyat



O board-rider Guilly Brandão, um dos melhores atletas do mundo no kitesurf, exemplifica o relacionamento dele com seu quiver. "Um quiver de um atleta profissional de kite nas ondas tem que atender as necessidades de vários aspectos do surf, tanto na remada como no próprio kite. Eu tenho um quiver de pranchas específico para kitesurfar que composto de quatro modelos diferentes, cada uma adaptada a circunstâncias diferentes na equação vento + onda", diz o campeão mundial da categoria Wave, que conclui o raciocínio: "Além desse equipamento, também viajo com um quiver de pranchas de surf de remada para aproveitar os momentos sem vento e surfar em qualquer tipo de onda. Estou muito ligado às condições de ventos de qualquer sessão de surf, e escolho uma prancha para cada potência de vento, pois isso faz o kite alcançar alta velocidade".

É claro que cada surfista tem suas dimensões e preferências, mas é sempre bom ter os parâmetros de outros surfistas para melhorar a própria performance. Encaro a escolha do shaper como uma atitude única, que chega a ser uma parada espiritual. Nada como bater um bom papo com seu shaper favorito e explicar o porquê daquela encomenda, para qual tipo de surf. Nessa última temporada, pude tocar na primeira prancha totalmente de metal. O shaper Dick Brewer, em um projeto ousado com o surfista Garret McNamara, fez uma prancha de tow-in que já foi testada pelo bravo surfista e em diversas situações, em picos como no Chile, Japão e Teahupoo, o que comprovou a eficácia do foguete metalizado, provando que mentes abertas acumulam resultados inesperados e positivos. Do outro lado da moeda, em um leilão de pranchas realizado pelo lendário Randy Rarick em Honolulu, uma prancha de Dick Brewer dos anos 60 feita para outra lenda do surf já falecida,

Buzzy Trent, foi vendida pela bagatela de U\$ 30 mil, emocionando a todos os presentes, principalmente ao próprio pai da criança, Brewer, que deixou escorrer algumas lágrimas dos olhos, tamanho reconhecimento de sua obra. Provavelmente, muitas e muitas boards e muitos nomes, principalmente o de Trent, passaram pela cabeça dessa lenda de fazer uma prancha de surf, pois Brewer, na minha opinião, é um dos poucos shapers do mundo que evoluiu com a passar do tempo, expandindo sua criação para outras modalidades dentro do esporte, como o tow-in. As dicas estão aí, um pouco de espírito e feeling podem ajudar nas escolhas, tanto das pranchas como das ondas. Na hora de montar seu quiver, eu acharia bacana você voltar ao primeiro parágrafo desta matéria e dar uma bela filosofada... Tal atitude provavelmente abrirá a sua mente. Big aloha



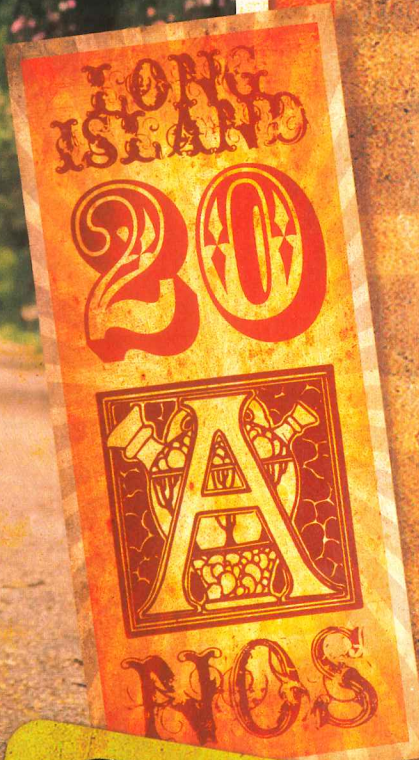
Na imagem, leilão promovido pelo lendário Randy Rarick, em Honolulu; prancha de Dick Brewer dos anos 60, vendida por U\$ 30 mil

LONGISLAND.COM.BR

via designers



Cleyton Nunes
Fernando de Noronha



The year of living dangerously
Bustin' Down the Door

Os anos em que se viveu perigosamente



Durante o inverno de 2006/2007 Shaun Tomson estava no North Shore, trabalhando no documentário *Bustin' Down the Door*.

Acompanhados de uma eficiente equipe, todos pareciam viver bons momentos.

Quando as pessoas perguntavam para ele sobre o que era o documentário, ele respondia: "Os 70". No Pipe Masters desse inverno, Shaun surfou com Cody Graham, Michael e Derek Ho, Tony Moniz e Dane Kealoha, numa bateria lendária, antes da final do evento principal. Depois da bateria, Shaun veio na sala de imprensa para assistir à performance de Andy Irons e Cory Lopes. Shaun tinha acabado de quebrar o nariz em Backdoor – a primeira vez que aconteceu isso com ele –, mas estava satisfeito e entusiasmado. A final era Cory Lopez, Rob Machado, Andy Irons e Kelly Slater. Pipe estava pegando fogo para os dois lados, mas o show era dos goofy-footers. Esse foi o Pipe Masters em que Kelly Slater e Andy Irons se enfrentaram como leões, e Andy venceu. Durante a final, Shaun assistia inclinado na janela, quieto, com um sorriso no rosto. Estava animado por ter ido bem na sua bateria, e divertindo-se por ter quebrado o nariz. Mas havia algo a mais naquele sorriso; ele via dois regular-footers dominando Pipe e fazendo uma das melhores finais da história do surf.

Antes tarde do que nunca Shaun desvendou seu documentário em Santa Barbara, no Teatro Arlington, numa noite escura que trouxera uma feroz tempestade. O tempo estava horrível, era domingo à noite, mas isso não atrapalhou as centenas de pessoas que foram conferir em primeira mão o documentário que mudou o surf para sempre.

Tinha mais pessoas do que ingressos, a lista VIP se esgotou rapidamente. Kelly Slater e a mãe do diretor receberam seus bilhetes, e 200 pessoas quase "botaram abaixo a porta do teatro" para ver *Bustin' Down the Door*.

A multidão estava eufórica por volta das 18 horas, e, quando as portas se fecharam, uma hora depois, houve desespero e um pouco de pânico.

As personalidades chegaram: seis cavaleiros da moderna indústria do surf. Os padrinhos da performance do surf, Shaun Tomson, Ian Cairns, Peter Townend, Michael Tomson, Rabbit Bartholomew, Mark Richards. Pareciam astros do rock. E eles eram realmente astros de todo aquele rock'n'roll, esse era um dos pontos do filme.

Um documentário sobre a época da chamada geração Free Ride. É a história de um grupo de surfistas dos mares do sul nos anos 70, e conta o que eles fizeram no Hawaii. Trinta anos depois, surfistas de todas as gerações que vieram se beneficiam por causa da performance e pioneirismo desses surfistas.

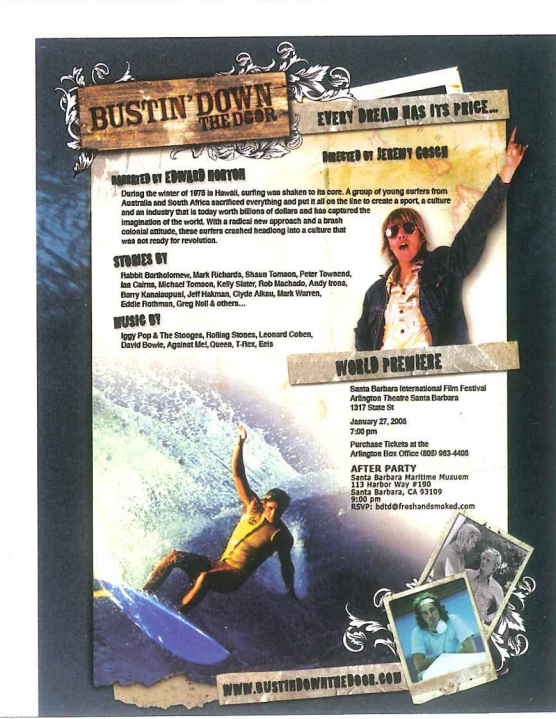


foto cortesia: The Museum of Surfing / Aaron Chang



Premiere de Bustin Down the Door.
Peter Townend, Michael Tomson, Ian Cairns,
Shaun Tomson, Rabbit Bartholomew, Mark Richards

E é por isso que Shaun e os outros pensaram que essa nova geração deveria saber tudo o que aconteceu exatamente, as intrigas e tudo mais. **Bustin' Down the Door detalha o sangue, o suor e os temores de Shaun Tomson, Mark Richards, Mohammed Bugs, Kanga, PT e MT** e seu pequeno grupo de australianos e sul-africanos, que inspiraram atitudes de David Bowie e Muhammad Ali e chocaram o mundo apresentando um surf agressivo nas ondas do Hawaii – e suas promoções provocadoras nos meios de comunicação do surf, ditando tendências. Na tela, Shaun Tomson falava da sua própria motivação, do porquê ser tão competitivo, e que isso tem a ver com o acidente que seu pai sofreu, um ataque de tubarão que fez com que perdesse o braço. Ernest Thompson era um excelente nadador, com potencial para competir nas Olimpíadas, mas o ataque acabou com seus sonhos. A ambição no surf de Shaun Tomson foi considerada estranha na África do Sul, ainda mais a sua gana de viajar para Hawaii em 1974, com tudo para provar o grande surfista que era.

Rabbit – Wayne Bartholomew – veio de um lar partido, e se emociona ao contar que um dia teve que sair para rua e roubar 20 dólares para alimentar sua mãe e suas quatro irmãs. Mark Richards cresceu em um lar sólido e tinha uma mãe amorosa e divertida, mas teve que provar sua carreira no surf para essa própria família, que lhe deu um ano para fazer isso, e ele conseguiu. **Tudo começou em 1974, quando esses surfistas foram para o Hawaii, jovens, ambiciosos, desconhecidos.** Havia alguns campeonatos e poucos lugares para forasteiros. Todos os surfistas tiveram suas razões pessoais para ir bem, e deixaram bem claro que estavam dispostos a dar tudo de si. Bustin' Down the Door é narrado pela voz familiar de Edward Norton – com alguns comentários de Jan Michael Vincent e Sean Penn –, mas a verdadeira narrativa é feita pelos diretores Reno Alberlira, Barry Kanaiaupuni, Bernie Baker, Dan Merkel, Randy Rarick, Fred Hemmings, Eddie Rothman, Clyde Aikau, David Gilovich, Phil Jarratt e outros caras próximos desse movimento.

As histórias têm seus momentos. A ambição desses surfistas foi adiada no Smirnoff Contest, em 1975. Todos queriam participar, mas Fred Hemming permitiu a participação apenas de Mark Richards, que não tinha os 50 dólares para fazer a inscrição. Pete Townend tinha o dinheiro e foi aplaudido quando contou que emprestou 50 dólares para MR participar, e então todos os outros ficaram desesperados querendo o mesmo. Mark Richards entra na história, e para a História, contando que todo o campeonato se manteve com ondas grandes em Waimea. Ele ficou em quarto em sua bateria de seis homens, e isso significava que ele não teria que voltar a remar no outside em um dia de Waimea fechando. Mas MR não foi bem nesse campeonato, e, enquanto estava um por todos e todos por um entre os renegados, Shaun Tomson admite ter tido um pouco de ciúme do amigo australiano. Isso se tornou um ponto de honra para eles voltarem ao Hawaii no inverno seguinte, com muito mais vontade e coragem de enfrentar tudo e todos. E eles voltaram e detonaram.



Todas essas histórias de ambição e eliminação, ótimas sessões e grandes sonhos, ocorreram no inverno de 1975/1976, quando os bronzed Aussies e os sul-africanos dominaram o surf havaiano. Mark Richards venceu os dois eventos de Sunset, e Shaun foi o primeiro regular-foot a vencer o Pipeline Masters. “Se eles tivessem apenas vencido e ficado quietos, tudo teria sido ótimo”, diz Randy Rarick, a lenda. Mas Rabbit e Ian Cairns cometeram um erro fatal ao aclamar na mídia o domínio sobre o surf havaiano, atraindo olhares furiosos e cutucando vulcões. Rabbit e Ian conseguiram insultar a ilha inteira, e no inverno seguinte foram quase escorraçados, linchados. Bustin' Down the Door não esconde a verdade, a recepção perigosa que Rabbit Bartholomew e Ian Cairns receberam quando voltaram para o Hawaii no inverno de 1976/1977. Rabbit foi surpreendido em Sunset e espancado, perdendo os dentes frontais. Ian e Shaun, ressabiados, foram para a cidade comprar espingardas. Cairns dormia com um bastão de beisebol debaixo do travesseiro e uma espingarda carregada dentro do carro: **“Eu sabia que, se viessem atrás de mim de novo desse jeito, correria até meu carro e mataria um desses imbecis”,** diz Ian. Bernie Baker e Randy Rarick mostram o lado dos haoles no conflito, enquanto Eddie Rothman explica as origens dos Da Hui He'e Nalu Black Shorts,

1978! It's even better... Shaun & Mark Richards ripping this winter's waves exciting new music by Pablo Cruise, hot California skateboard action

MAY 8, 9
L.A. PREMIERE MON. & TUES. ONLY
SANTA MONICA - BRENTWOOD THEATRE #1
2514 BILSHIRE BLVD. • 323-5306 • SHOW TIMES 6 & 10 PM
SIMI-THOUSAND OAKS - MELODY THEATRE
1102 N. MOORPARK ROAD • 495-0881 • 7:30 & 9:30 PM

MAY 10-16
ONE WEEK ONLY WED.-TUES.
SOUTH BAY-HERMOSA - COVE THEATRE
1029 HERMOSA AVE. HERMOSA BEACH • 329-0455 • 6 & 10 PM
SAN FERNANDO VALLEY - BARONET THEATRE
3801 SHERMAN DRIVE, CARLSBAD PARK • 345-7434 • 7:30 & 9:30 PM

PASADENA - UPTOWN THEATRE MAY 17, 18 - WED. & THURS. ONLY
200 E. COLORADO BOULEVARD • 796-2274 • 7:30 & 9:30 PM

ADDED ATTRACTION !! SPECIAL PREVIEW TO WARNER BROTHER'S **BIG WEDNESDAY**

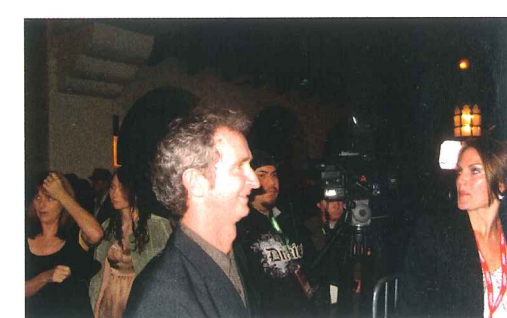


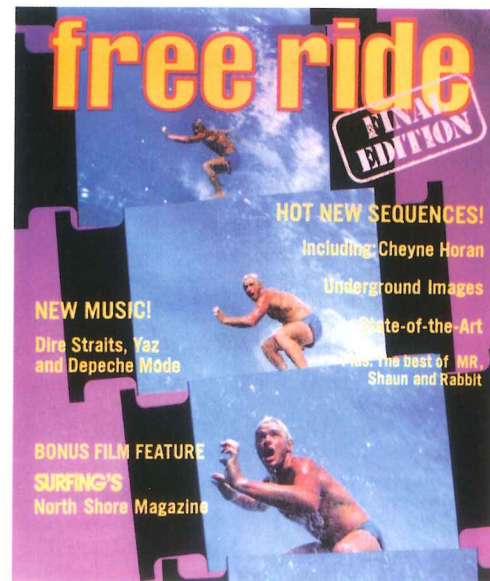
foto maior; Rabbit Bartholomew, 'Off the Wall' na seq.; Teatro Arlington, Santa Barbara, CA; Tom Curren, Shaun Tomson e Rabbit Bartholomew; ídolo de gerações, Kelly Slater; geração de ídolos, Mark Richards; Bustin' Down the Door



Tudo começou em 1974, quando esses surfistas foram para o Hawaii, jovens, ambiciosos, desconhecidos.

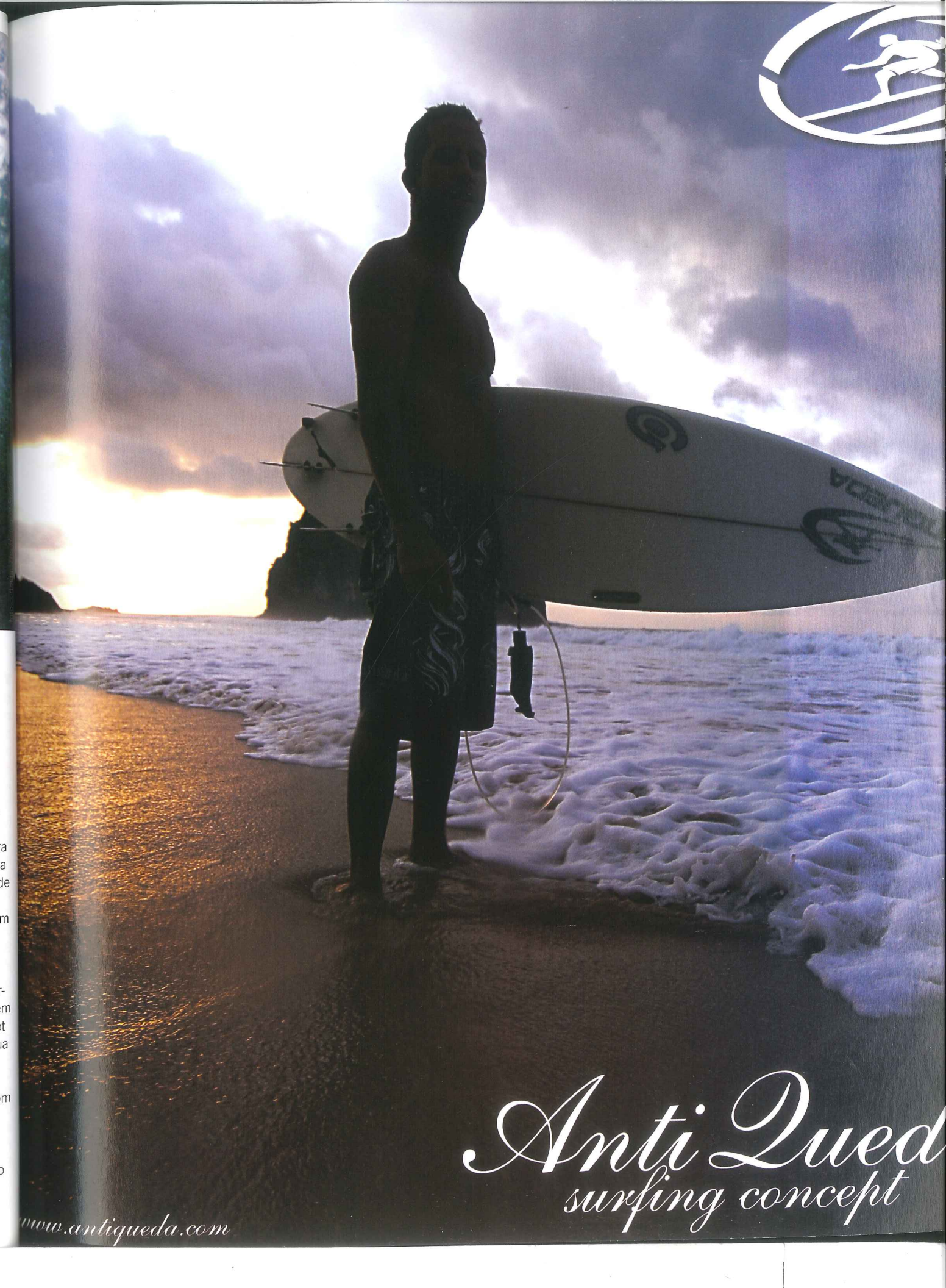
e por que os travessos australianos deram um "tapa na cara" do orgulho havaiano. Ian e Rabbit provaram que não tinham medo de morrer ficando no Hawaii quando sofreram esses sérios ataques. Rabbit conta como foi surreal estar no Eddie Aikau, num encontro na sala de convenção de um grande hotel, onde tinha 150 havaianos surfistas olhando para eles revoltados. Esses caras ficaram no Hawaii com a ilha inteira contra eles, e assistindo a essa parte do filme entendemos porque Shaun, Rabbit, PT, Ian, Michael Tomson e Rabbit estavam no topo do surf profissional e do surf moderno.

Bustin' Down the Door é um projeto profissional com a qualidade do diretor Jeremy Gosh. Phil Jarrat escreveu a narração e Matt Warshaw fez o trabalho de pesquisa. Um respeitado time. A trilha sonora inclui as músicas "Fame", de David Bowie, e "Paint It Black", dos Rolling Stones – ambas as músicas muito bem inseridas. O resto da trilha sonora é da época em que se passa a história, músicas características.

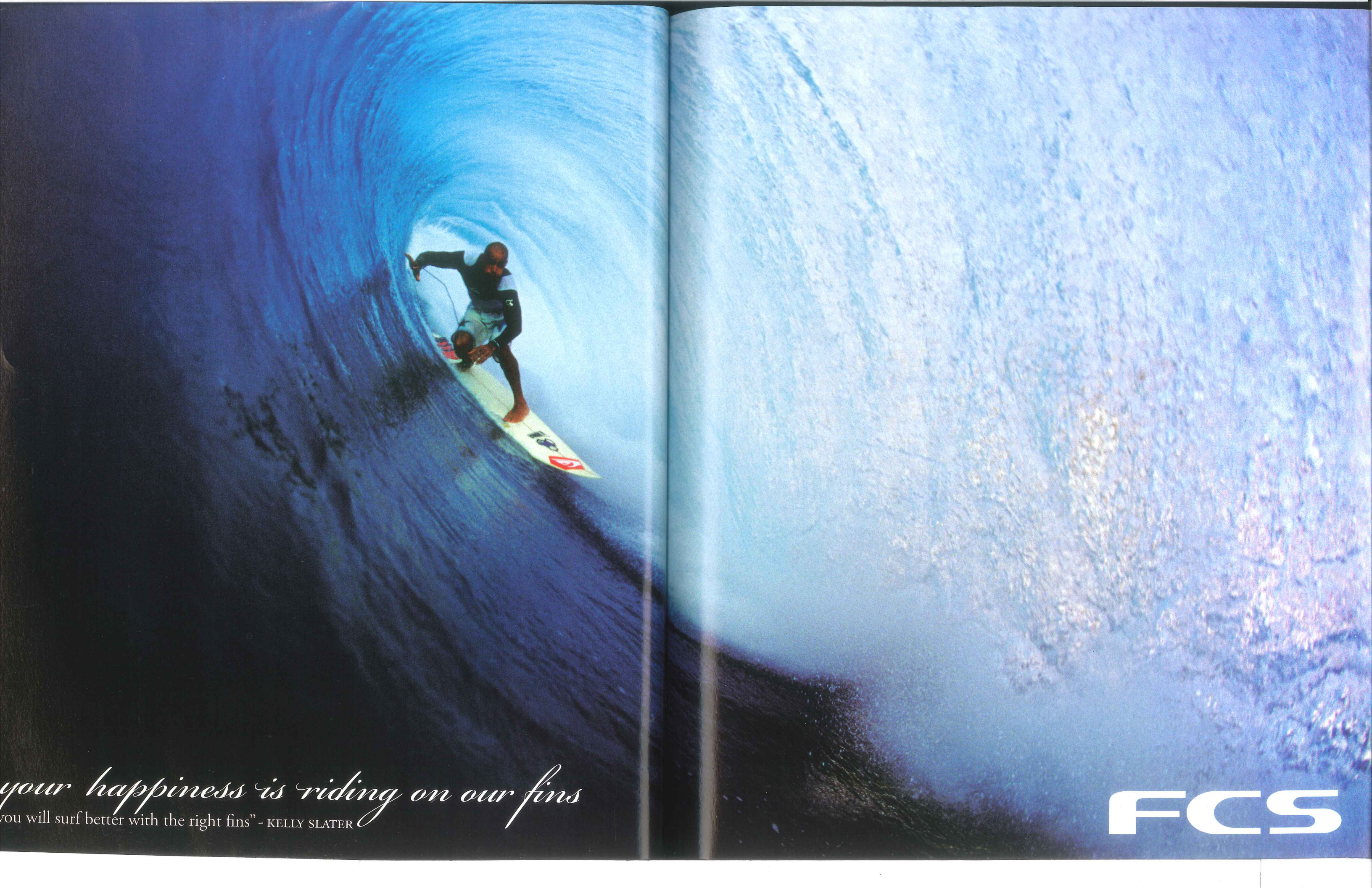


Free Ride; clássico, os anos em que se viveu perigosamente

A época Free Ride, de 1974 a 1976, foram os anos em que se viveu perigosamente - na terra e no mar –, e Bustin' Down the Door mostra tudo muito bem na tela grande. É fácil contar uma história quando se tem uma boa história para contar. Esta vai deixar de olhos arregalados a nova geração e muitos surfistas que não tinham idéia de como esses caras mudaram o cenário do surf na época. O filme Bustin' Down the Door termina com Shaun muito emocionado. No final, o desfecho presta uma homenagem ao seu filho Matthew. Assistir a Bustin' Down the Door é entender por que Shaun sorria quieto no Pipe Masters no inverno passado, vendo Kelly e Andy se enfrentando em um Pipe perfeito. Shaun foi o primeiro regular-foot a ganhar o Pipe Masters, e sua influência continua nos dias de hoje. Rabbit e Pete Townend eram os verdadeiros Coolie Kids, e seus descendentes estão ganhando títulos mundiais, contribuindo com a vontade de Kelly e Andy de vencer sempre. Shaun perdeu um filho numa tragédia, mas deixou muitos outros por lá, nas águas e mares do mundo, todos seguindo seus passos e cruzando o equador para mudar o mundo.



Anti Qued
surfing concept

A high-angle, wide shot of a surfer riding a barrel wave. The surfer is positioned in the center of the wave's tunnel, leaning forward. The water is a deep, vibrant blue, and the wave's face is a lighter, frothy blue. The surfer's board is white with a red and black logo. The overall scene is dynamic and captures the essence of surfing.

your happiness is riding on our fins
you will surf better with the right fins" - KELLY SLATER

FCS

Hawaii 08

Crônica havaiana



nas fotos: Hawaii, crônica de Fernando Costa Netto



A

A força cultural do surf no Hawaii tem raízes milenares e proporções incomparáveis quando alinhadas a qualquer outro pedaço de costa do planeta.

Lá cai a ficha de quanto a nossa vida de surfista no Brasil é insignificante, e esse sentimento melancólico não é 'privilegio' só nosso. É assim para surfistas de qualquer parte do planeta. No North Shore, quem não pega onda é mero espectador da vida. Ao longo da Kamehameha Highway, nos bares, hotéis, em qualquer lugar, em qualquer garagem, há pranchas e mais pranchas guardadas. Em todas as casas há três gerações de surfistas. Não há carro que não leve um adesivo 'Eddie Would Go'. Um cenário fantástico para quem é apaixonado pelo surf.

A partir dos anos 60, o North Shore de Oahu começou a ser colonizado pra valer, e apareceram os grandes mitos. Pat, Greg, Jock, Eddie, Gerry, Larry, Sammy, Mark, Darrick, Tom, Kelly e tantos outros que decidiram quais equipamentos desenvolvidos pelas praias do mundo ficariam para a posteridade e quais iriam para a lixeira. Desde a época de Duke, da invenção da quilha à short board revolution, das thrusters ao tow-in, funciona assim.

No North Shore, a individualidade não existe. Ou você é havaiano e é respeitado, ou é forasteiro e 'tirado'. Qualquer sentimento vai depender exclusivamente disso. Eddie Rothman, o Fast Eddie, é das exceções. Texano lapidado nas ilhas foi o

quase entrevistado desta edição da *ALMA SURF*. Dono da marca Da Hui, pai de Makua Rothman, ele criou a milícia batizada Black Trunks, que dos anos 70 até outro dia apavorou surfistas folgados e não folgados da Austrália, Flórida, Califórnia, África do Sul, Brasil, de onde viessem e não respeitassem o aloha havaiano. Foram os anos da expansão de barreiras, da fome pelas melhores ondas e do choque de culturas com a invasão de visitantes de 'muita opinião'.

Eddie, com a ficha cheia de broncas nos EUA mainland, assumiu a poltrona, tomou nota e demarcou o território. A caminho do quintal da casa da família de John John, em Pipeline, conversamos um pouco sobre o mês de fevereiro muito fraco de ondas e amenidades relacionadas ao North Shore. Com o rec do gravador acionado, uma pergunta genérica colocou fim ao início dos meus trabalhos no Hawaii. "I don't talk about my personal life, I don't know you. You are not my friend. The interview is over. Let's go." Essas foram as únicas palavras registradas pelo aparelho. Em um minuto encerrou-se aquilo que nem havia começado.

Naquele dia ainda surfei Sunset 6 pés com séries maiores. O mar já estava subindo e a previsão era de uma grande semana de ondas, o que realmente aconteceu. Foram 10 dias de condição 'blue Hawaii': ondulação de norte-oeste, vento terral, ondas entre 6 e 12 pés e céu azul. Na água, fiquei imaginando qual seria a abordagem para traduzir o gigantismo daquela pequena

porção de praias, seus personagens bizarros, heróicos, intensos, e suas histórias maravilhosas. Lembrei de uma breve biografia de Todd Chesser, que havia lido recentemente. Todd é um desses personagens. Morto precocemente aos 28 anos de idade surfando Alligators gigante, vivia exclusivamente para dias especiais de ondas grandes. Entre outras linhas sobre o prazer de viver no Hawaii, ele definia o North Shore como um grande circo composto de três ou quatro leões e um bando de palhaços fazendo referência ao auge do localismo nos anos 80 e 90. Uma definição e tanto. Também lembrei da conversa com Peter Cole, 77, o surfista havaiano mais antigo em atividade. Mr. Cole é a tradução do que o Havaí pode ter de mais nobre. Em uma hora de conversa, sentado na sala da sua casa, ele relembrou suas grandes sessões em Sunset, falou sobre a evolução do esporte nos anos 50 e 60, sobre o grande homem que foi Eddie Aikau, os ídolos que mergulharam nas drogas e hoje vivem à deriva. Mr. Cole é uma das maiores testemunhas oculares da história do Hawaii. A mente ia sendo emprenhada com idéias e lembranças quando um coroa no outside me abordou para dizer que preferia ter nascido mulher a ser um goffy-footer! Era orgulho puro deitado na sua Owl Chapman 11 pés vermelhona. Um prazer estampado na cara do tiozinho pela certeza de viver num dos lugares mais intensos do planeta. São muitas as histórias entre Velzyland e Kaena Point, e esta edição da *ALMA SURF* traz algumas delas.

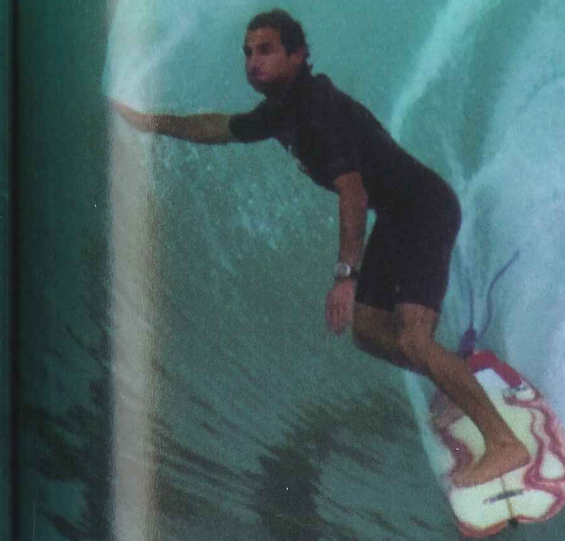
Hawaii Temporada

2008

Cientistas de toda parte registram fenômenos naturais. Geleiras no Alasca derretem rapidamente. Entretanto, na África, o monte Kilimanjaro gera neve pela primeira vez em 11 mil anos. E aqui no Hawaii as pessoas não hesitam em chamar esta de pior estação de ondas já vista.

Hawaii
08

Os fatos: quando o primeiro swell foi anunciado, em novembro de 2007, o principal instituto de meteorologia (National Weather Service) esclareceu que seria o último antes do inverno. Por outro lado, a falta de onda, menos de 3 pés durante semanas e mesmo meses. Tivemos altas no comércio, é bem verdade, mas de um jeito diferente, saindo do trivial de dias normais de chuva com temperaturas frias e mau tempo. A Tríplice Coroa teve a sorte de começar na primeira rodada de surf da estação, o que fez agitar Sunset e Haleiwa, mesmo com condições e tempo ruins, em meio a chuvaradas e ventanias. Porém, o campeonato de Sunset teve durante vários dias a pior tempestade do ano. Ventos SE-SW (sudeste e sudoeste) com mais de 70 mph (110 km/hora) foram fortes o bastante para derrubar postes de energia, bloqueando as



Esse é Paul Antman Paterson do oeste da Austrália. Antman sempre surfa muito bem em Sunset. Ele tem afinidade com esse lugar. Baita surfista

Hawaii
08



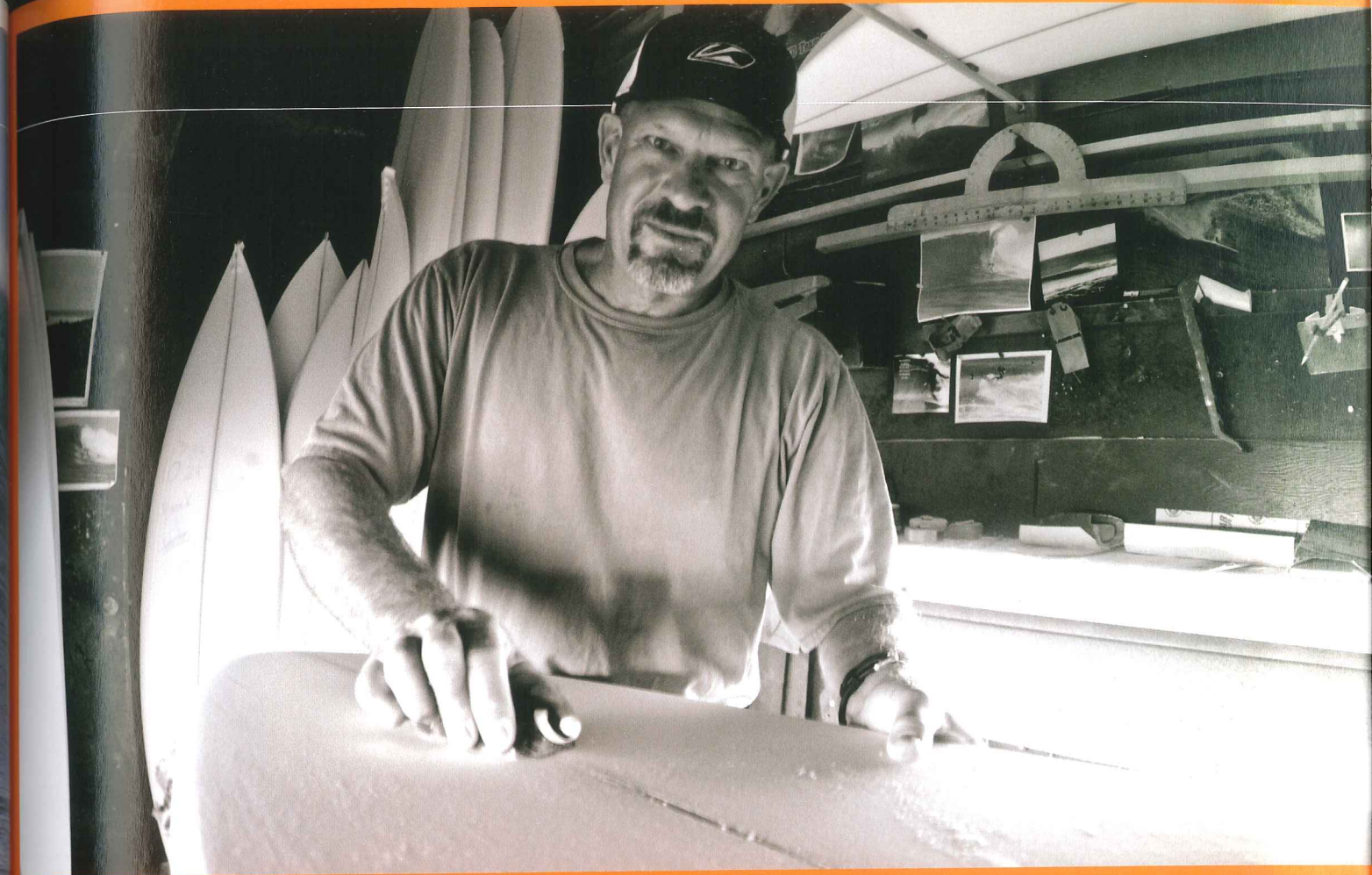
estradas que levam para o North Shore. Apagão, escuridão, em algumas áreas por três dias. Havia avisos de perigo, ondas fortes e praias sujeitas a inundações e temporais. Muita chuva, nuvens e vento passaram pelo Pipe Masters, por exemplo, enquanto as ondas voltavam a aparecer depois de meses hibernadas. Sem dúvida, esse Pipe Masters será lembrado como o pior da história. Às vezes, alguns dias ruins durante o evento são possibilidades comuns, mas neste ano as pessoas comemoraram um mar de 6 pés durante quatro dias de competição, depois de no máximo 3 pés de onda.

Ironicamente, o pior inverno até hoje, pelo menos que eu me lembre, coincidiu com a época de fluxo intenso de visitantes e mídia especializada que nós nunca vimos na Tríplice Coroa havaiana, o que às vezes me fez sentir que Pipeline tem atualmente menos crowd do que o Foodland. Não posso dizer que sentimos muito pelo "circo", pelo "tour", parecia que todos foram embora mais cedo, com o rabo entre as pernas, visto que todos foram para os seus países, casas, lares, sem ter muito o que mostrar para seus chefes sobre o que estavam fazendo por aqui. Infelizmente, muitos forasteiros não trataram os moradores do North Shore com respeito. De qualquer maneira, as condições do surf não mudaram muito, deixando os locais com a dúvida na cabeça, o que fizemos para merecer isso. No Natal as ondas estavam praticamente flat, então pensei, 'esses surfistas

devem ter aprontado muito esse ano'. Nunca tinha visto um Natal sem ondas no Hawaii em meus 20 anos de surf, mesmo quando morei em Big Island, que geralmente tem sempre a metade do tamanho de onda que o North Shore. No Ano-Novo nada mudou também, marasmo. Então, finalmente, Pipe voltou a quebrar a partir de um estranho banco de areia e em condições boas bem na hora dos duelos em Backdoor, o Shootout. O pico teve seus momentos de 6 a 12 pés servidos durante cerca de quatro dias, quando os surfistas locais, que formaram vários times no evento, puderam buscar ótimos resultados, surfando as ondas mais alucinantes dos últimos três anos. Jamie O'Brien, local nato, venceu a competição individual, e a Quiksilver levou a disputas entre os times. O'Brien leva o reconhecimento por ter pegado uma das melhores ondas já surfadas em Pipe durante o campeonato. Infelizmente, quem não tinha dinheiro para participar dos embates só tinha 1 hora para surfar durante os dias do evento e, como todo mundo, teve que esperar. E por incrível que pareça, como uma bênção aos locais nesse momento, no final do dia do campeonato as condições já haviam voltado para o ciclo vicioso de péssimas ondas com ventos NE (nordeste) e ondulação NE, o que constrói o pior cenário de Pipeline. Essas condições continuaram péssimas durante todo o período do Pipe Monster Pro, que ocorre junto do Bodysurfing Classic. Novamente, todo



O Reef Pro em Haleiwa aconteceu em condições extremas. Os pros tiveram muitas dificuldades. CJ Hobgood foi um exemplo claro de wipeout.



Jeff Bushman, um dos melhores shapers do North Shore
"Bushy" fazia pranchas para todas as crianças locais
como Pancho Sullivan e Flynn Novak.

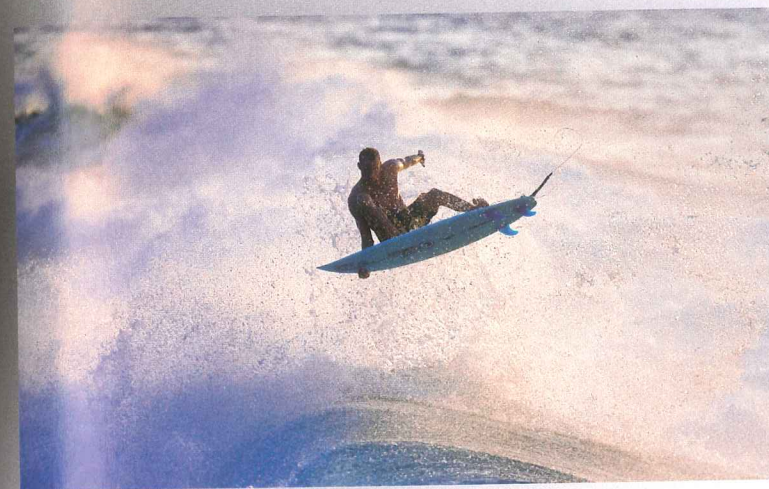
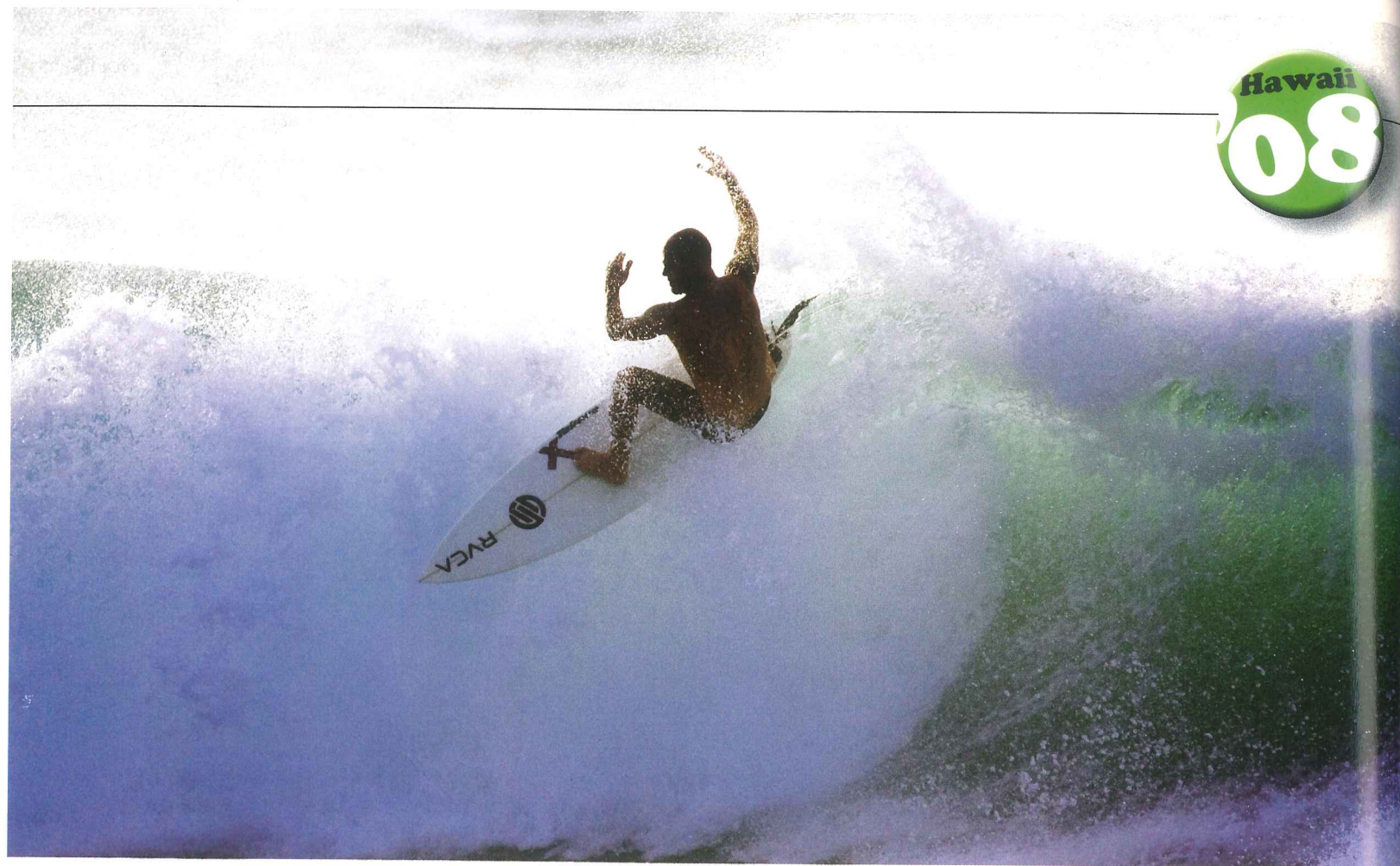


foto maior: Archy sempre é um dos melhores, surfa veloz e com estilo. Um ótimo surfista para fotografar.

foto ao lado: Kai é uma lenda do surf, fotografado na cerimônia do Eddie Aikau com suas filhas.



*Polinésios dançando em Sunset, Turtle Bay.
Gosto da espiritualidade dessa foto.*

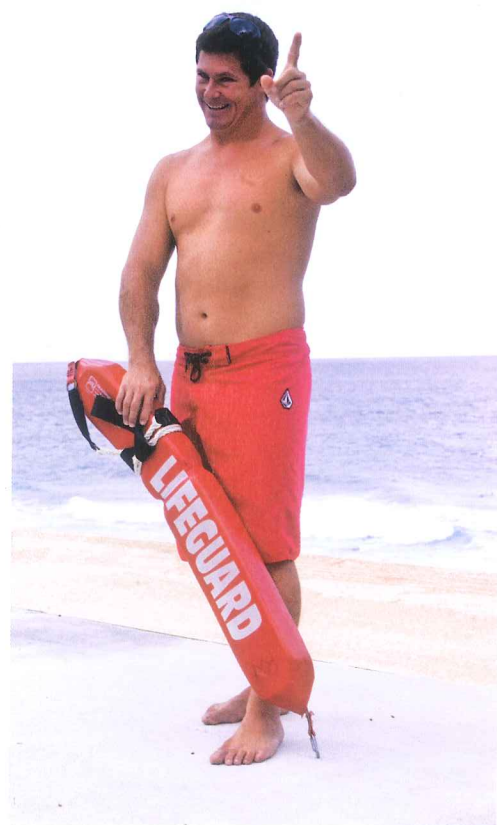
Sean Davey

o evento aconteceu com ondas pequenas, que acabaram disputando o lugar de pior campeonato da história de Pipe. Depois do evento, Deus mostrou seu amor pelos locais. Os surfistas já haviam voltado para sua rotina, quando a previsão anunciou condições épicas, com ondas de 6-10 pés. Em condições difíceis, apesar de épicas, imagino que foi a vez em que houve mais acidentes dentro do mar em apenas uma semana.

Mark Heally, Fred Patacchia, Takayuki Wakita e Jason Shibata são alguns nomes desta lista de machucados. Muitos comentários sobre os acidentes de cada surfista. Costelas quebradas, pescoços torcidos, braços, pulsos, cabeças. Como que um reflexo da vontade enorme de surfar em condições boas após um longo período de escassez.

Nem o Eddie Aikau, o North Shore Tow-In e o campeonato de Jaws escaparam da falta de ondas, onde o surf não chegou a alcançar 15 pés. Waimea teve alguns dias divertidos, mas nenhum realmente empolgante, a menos que você conte o swell de 20 pés que veio com ventos fortes na costa, e como era de se esperar, o único que aproveitou foi o pegador de ondas grandes Garrett McNamara.

Liam, o irmão McNamara que desfilava estilo em Pipeline, tornou-se comentarista e diretor de competição. Jack Johnson gravou seu segundo álbum nos EUA. Bede Durbidge ganhou projeção nesta estação por ganhar a Tríplice Coroa fazendo a final de cada evento. Megan Abubo ganhou sua primeira Tríplice Coroa e Rochelle Ballard se apo-



Hawaii
08



nesta, Jamie O'Brien é um dos filhos favoritos do North Shore, o Mr. Pipeline moderno. Foto em OTW.
seq. Jesse Merle em Rocky Point, início do inverno.
à esq. Dave Wassel, salvavidas da praia l'huikai, o salvador de Pipeline.

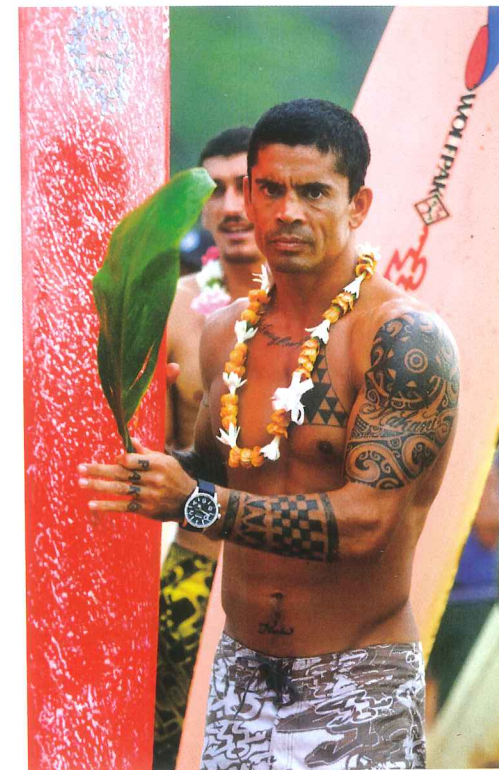
Enquanto nos perguntamos sobre o futuro, mesmo na pior estação, vemos que o Hawaii ainda pode produzir ondas perfeitas.



Hawaii
08

foto maior: Adrian "Ace" Buchan, da Austrália, surfa com muito estilo, belas cavas e cutbacks longos em Sunset

foto menor: Kalaa Alexander, é um dos surfistas mais respeitados no North Shore



sentou. Jeannie Chesser está sofrendo de câncer e vários amigos se unem para pagar seu tratamento. As mulheres em Pipe vieram e surfaram como jamais fizeram antes. E a lenda Randy Rarrick ganhou o prêmio Surfrider's Lifetime Achievement, da Surfrider Foundation, enquanto se celebrava o 25º aniversário da Triple Crow havaiana.

Na política, os surfistas estão na batalha contra os avanços do governo, que ofereceu e faz de tudo para o Estado comprar o Resort Turtle Bay. Os surfistas, na tentativa preservar o North Shore, terão que lutar contra a própria cidade e o município, diretores de competição e proprietários, pelo direito sobre o lugar mais famoso do mundo do surf.

Em poucos anos, nós realmente vimos mudanças por aqui. Os swells não vêm mais com aquela frequência de sempre, grandes, nem duram um longo período como de costume. E os surfistas vêm em massa, com toda a mídia tornando-os famosos. As cabanas de praia que alugávamos foram derrubadas para a construção de mansões milionárias no estilo das de Malibu, e a maioria sequer é usada, ficando abandonadas praticamente metade do ano. Turistas assistem aos surfistas dos píers como se fossem animais do zoológico, ocupando toda a infra-estrutura do North Shore, que parece estar se deteriorando a cada ano. E enquanto nos perguntamos constantemente sobre o futuro do Hawaii, encorajados, mesmo na pior estação já vista, vemos que o Hawaii ainda pode produzir alguns dias de ondas perfeitas...

O Hawaii continua perfeito!

KĀNAKA
pessoas

North Shore

A essência do surf está nas ondas. Quanto maior e melhor a qualidade das ondas, conseqüentemente do surf, melhor será a performance e maior será o prazer proporcionado por elas.

As ondas puras e cristalinas no oceano necessitam de um complemento, pois se existissem apenas as ondas e nada mais, não haveria o surf.

A realidade é que, para que o esporte que tanto amamos exista, são necessários mais dois elementos vitais: a prancha e o surfista.

Levando em consideração que tudo o que existe e vira matéria extraída da fonte natural da vida, temos então elementos vitais na composição da prancha e a fusão com o homem, a criação divina.

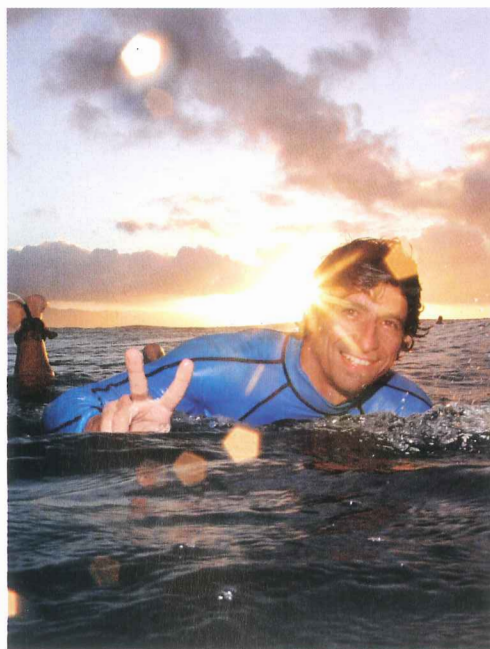
Nos dias de hoje, podemos afirmar que o esporte evoluiu tanto que agora o mundo do surf é uma intensa realidade que forma ídolos, nomes, pessoas...

E é no Hawaii, na temporada, que boa parte desse mundo do surf se encontra neste lugar mágico e bem peculiar, este que comporta apenas uma rua principal, um supermercado e uma padaria, só para se ter idéias das dimensões.

Em contrapartida das estruturas, que combinam com muita propriedade com a ilha, dezenas de picos de surf surgem nesses menos de 11 km de extensão, o bom, velho e famoso North Shore, nome que virou sinônimo de surf, de ondas grandes, fortes e pesadas.

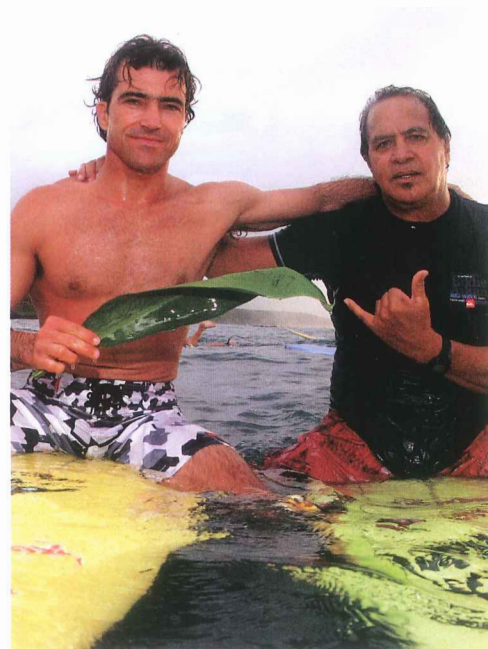
O Hawaii vem atraindo surfistas desde a década de 60, e ao contrário de sair de moda, acontece o inverso, atraindo cada vez mais surfistas e apreciadores do surf em geral para este lugar. Com toda a história que envolve o surf e a ligação do esporte/estilo de vida com a herança polinésia no Hawaii, nos últimos anos, cada vez mais, quando se ouve o nome "North Shore", a palavra "crowd" também vem à tona.

É isso que mostro nestas fotografias, retratos ou, para os mais românticos, 'portraits' de alguns 'rostos' que circularam nesta temporada pelas ruas, areias, águas e ondas do North Shore de Oahu, Hawaii.



Alex Miranda

Um dos melhores diretores de filmes publicitários do momento, Miranda já morou no Hawaii no início dos anos 90, quando trabalhávamos juntos derrubando as barracas do swap meet (uma espécie de camelódromo havaiano), esforço válido para poder surfar as ondas perfeitas do North Shore. Grande profissional, sempre volta para o arquipélago para viver o sonho havaiano. Essa foto caracteriza a sua vida, sempre na água com o brilho da luz divina.



Carlos Burle e Clyde Aikau

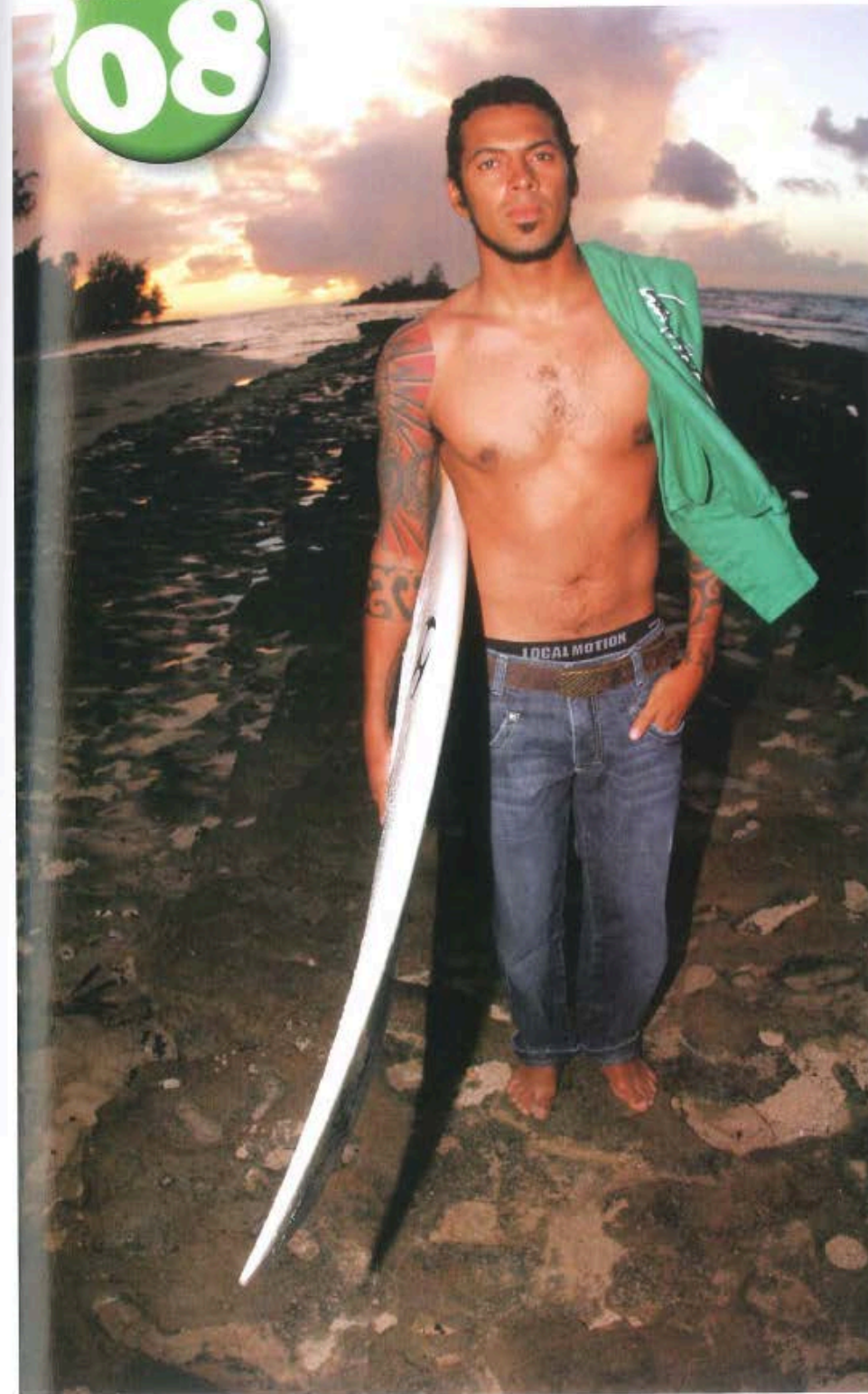
Clyde e Burle representam muita coisa. Clyde traz toda a tradição da família havaiana que é a própria cultura do nosso esporte, ondas grandes e suas histórias. Burle representa uma nação inteira, que espera ansiosamente pelo dia em que um brasileiro surfe pela primeira vez uma bateria do evento mais importante do surf mundial, o In Memory of Eddie Aikau. Tenho certeza que quando chegar esse dia, vamos ver Carlos Burle fazer bonito em Waimea Bay.



Bethany Hamilton

Apesar do mesmo sobrenome, Bethany não tem nenhum parentesco com o "big wave rider" Laird Hamilton. Porém, os dois tem algo em comum: surf na veia. Depois de perder o seu braço esquerdo para um tubarão enquanto surfava na praia de Tunels, no Kauai, Bethany se recuperou do trauma. Surfa muito, pode ser considerada uma lenda. O testemunho de como Deus salvou a sua vida, de tão emocionante, virá à tona na representação de um filme. Um mito.

Hawaii
08



Binho Nunes

Artista surfista, surfista artista, músico. No mar, instinto e habilidade se fundem dentro de tubos incríveis. Fora d'água, irreverência, estilo e alegria. Binho, desistiu das competições cedo, mas sempre é uma figura presente na mídia. Caso estivesse no WCT, teria totais condições de fazer bonito na conquista de pódios. Agora, com investimento no seu talento, o veremos não só nos vídeos e páginas das revistas brasileiras, Binho vai ganhar o mundo.



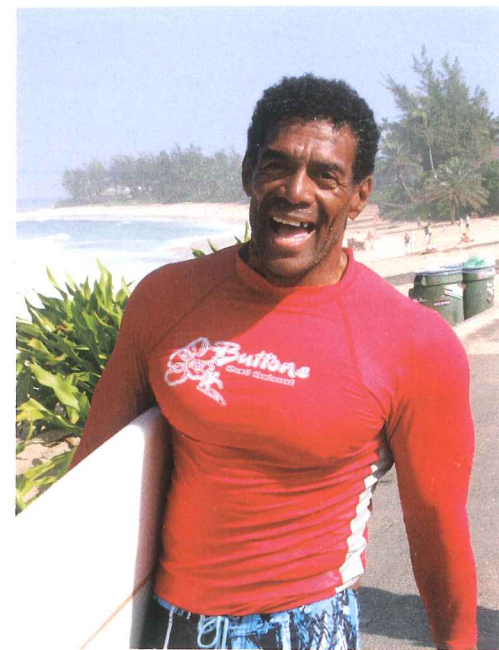
Pedro Tojal

Carioca de disposição e talento. Foram essas as impressões que tive ao ver o fotógrafo Pedro Tojal em sua primeira vez no North Shore. Revelado ao mundo pela ALMA SURF, Tojal é um especialista dentro d'água. Waimea, Pipeline, Backdoor, Rocky Point, ou em qualquer mar, não media esforços para estar nos lugares mais críticos das ondas, o mais perto possível da ação surf, da adrenalina.

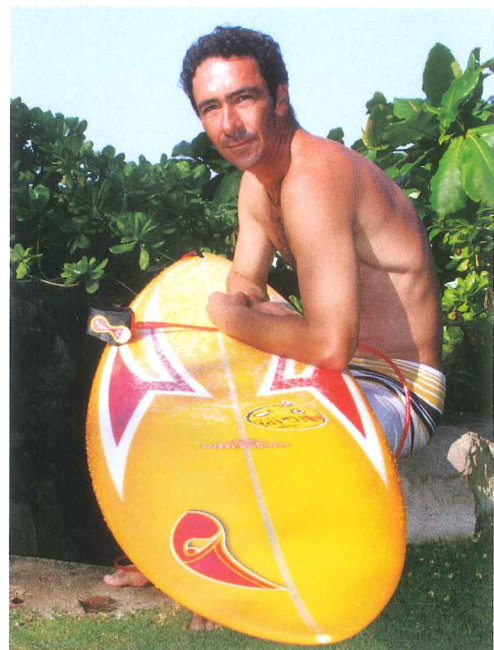


Rob Machado

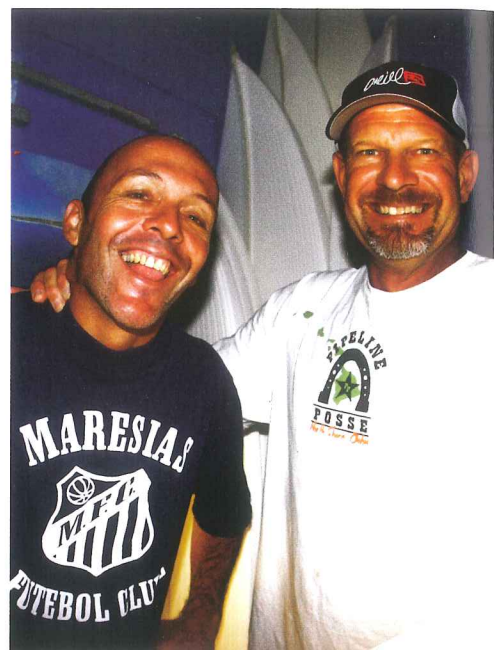
O que dizer de Rob Machado. Mesmo fora do WCT por opção, Machado ainda é fonte de inspiração para muitos surfistas e apreciadores do nobre esporte. Excelente em Pipeline, Rob é dono de um dos estilos mais bonitos do surf. Ele consegue fazer algo muito raro, surfar com leveza e radicalidade, algo que não se vê com frequência. Na verdade, Rob Machado é um surfista raro, daqueles que valem muito.



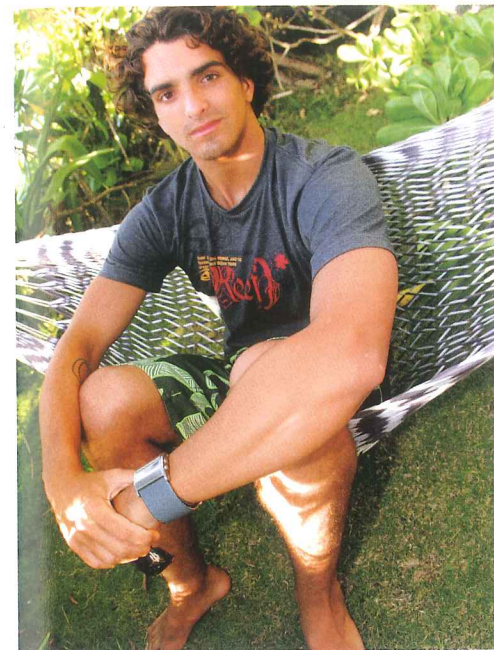
Buttons Kaluhiokalani
Buttons é uma lenda viva. Lembro de ver Buttons quebrando em estilo nos filmes das antigas, fazendo um surf ultramoderno para época: 360° dentro de tubo, de lay back e de front side, round house cut back... Não entendo como não foi campeão mundial... Quer dizer!? não vale dizer nessas linhas. Sua aura vale mais e hoje está 'clean', surfando muito, como diriam os americanos: "life is good for buttons"



David Husadel
Pode até ser coincidência, mas o fato é que, nesta temporada, assim que Mr. Husadel pisou no North Shore, as ondas não pararam de bombar. Pipe rolou perfeito, Waimea quebrou gigante, Rocky Point 'on fire', Sunsetão 'la fora'... Nunca vi tanta onda boa em tão pouco tempo. Quer um conselho? Na próxima surf trip, leve o Husadel na bagagem. O cara é um surfista fissurado, alto astral e o mais pé-quente.



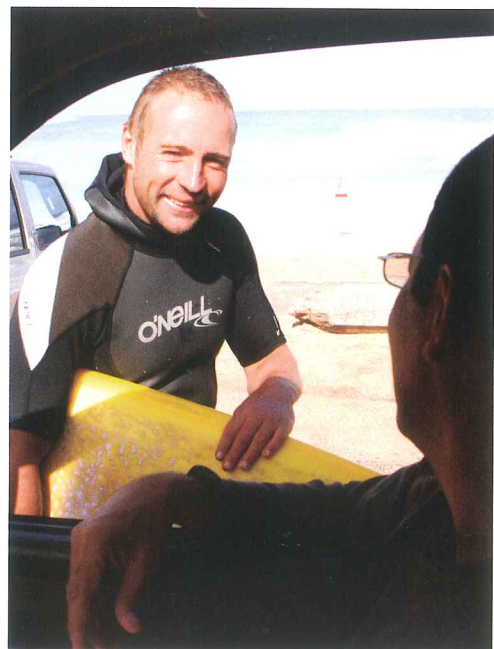
Biro e Bushman
Todo shaper de renome tem um 'back shaper'. Esse é um dos trabalhos do Biro no Hawaii, dar o acabamento às pranchas de Bushman, shaper de respeito. Os dois dividem o seu tempo entre as salas de shape e a praia. Bushman ama o kitesurf. Biro, põe para baixo em qualquer situação em Waimea. Interessante o detalhe das camisetas que eles estão usando, representação dos seus lugares de origem.



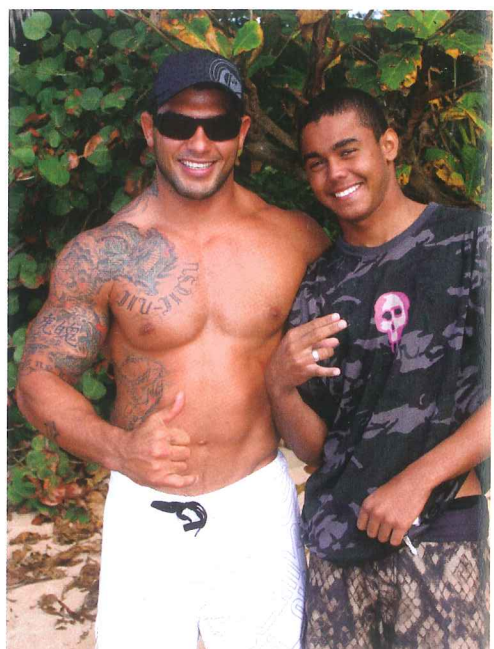
Jerônimo Vargas
Linha de surf moderno e radical. Assim é Jê Vargas, que carrega no sobrenome o dna de um dos mais considerados surfistas do Brasil da década de 80, Valdir Vargas, e também de uma das lendas do bodyboard nacional, Gisele Vargas. É vontade de surfista que tem no sangue o desejo de surfar as ondas da terra do surf, ondas pra gente grande.



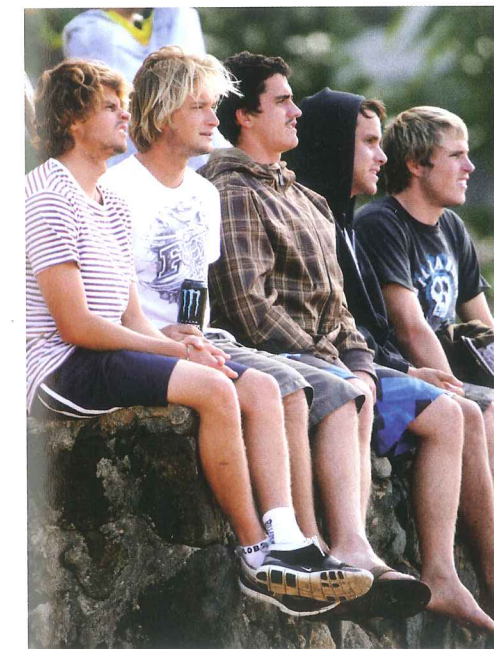
Danilo Couto
Danilo Couto não passa de um 'average surfer' em ondas médias e pequenas. Porém, quando o assunto é dropar ondas gigantes, sua performance muda completamente. Danilo vive para estar presente aonde as maiores ondas aparecerem. E quando está n'água, estará à espera da maior da série. O chamam de 'crazy train', devido a sua atitude em mares incontroláveis e pela nítida excitação no pré-dia de ondas grandes. Danilão sangue bom!



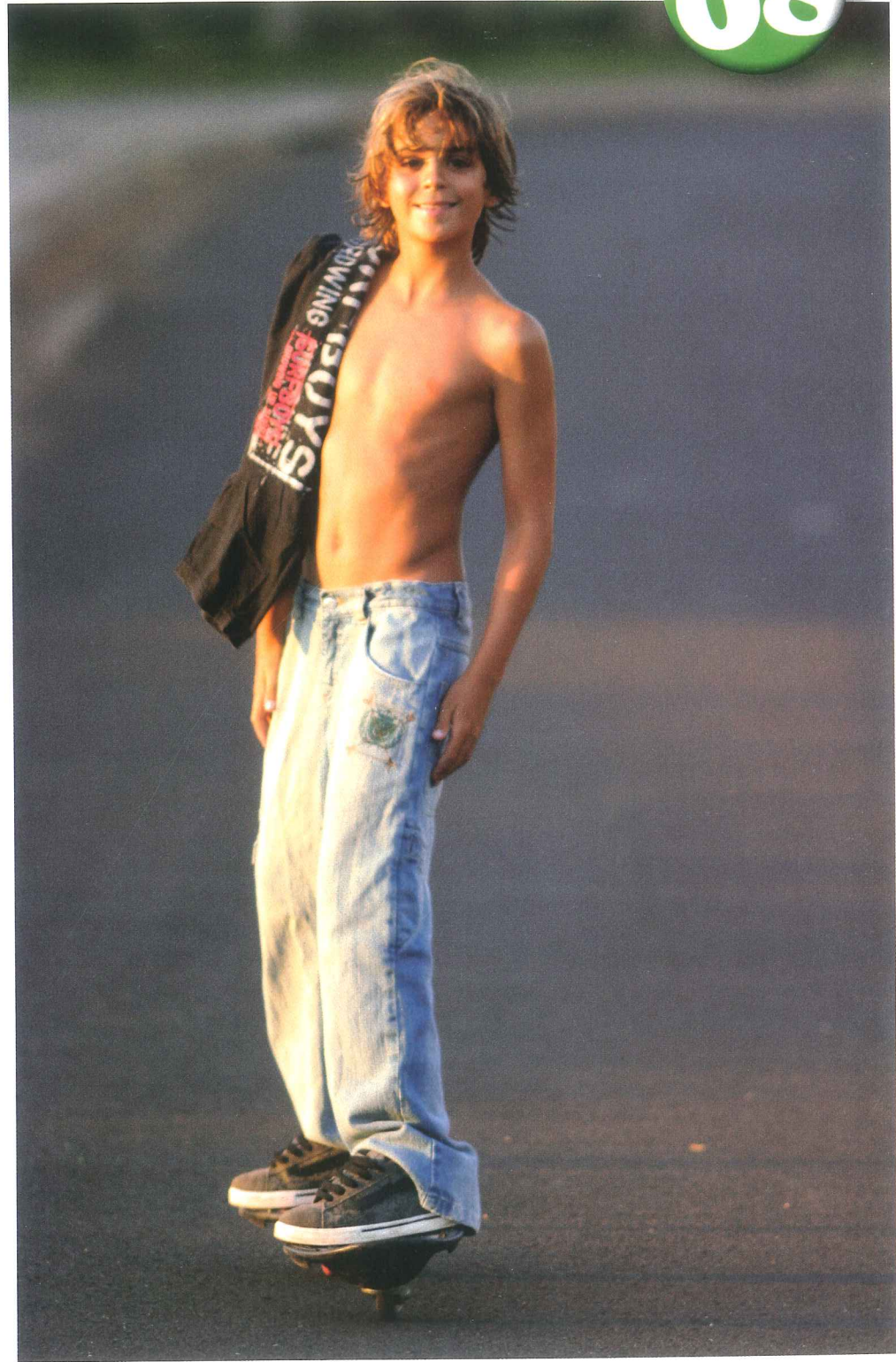
Andrew Marr e Fernando Costa Netto
'Surf with a smile', parece ser o lema e a filosofia de vida Andrew Marr, sul-africano que sempre está com um sorriso no rosto, seja dentro ou fora d'água. Marr, surfa Waimea como poucos, estilo invejável. Já passou por alguns percalços, como um sério acidente de moto. Mas o surf e o sorriso prevalecem. Dandão, 'um dos pais do surf-jornalismo', convida Andrew Marr para uma possível entrevista. Esses dois juntos têm muitas histórias pra contar.



Ricardo Arona e Wigolly Dantas
Arona, lutador. Guigui, surfista. Juntos formaram uma boa dupla esse ano no North Shore. Hospedados em uma das 'Quiksilver Houses', uniram gerações em terras havaianas. Arona é um lutador convicto. Muito respeitado em cima do ringue, sabe unir o útil ao agradável. Guigui, um ubatubense simpático da nova geração do surf nacional, arrebitou nos tubos de Pipeline nessa temporada, e promete muito mais para um futuro próximo.



Galera no Hawaii
Show de surf ao vivo é com certeza o que essa galera da nova geração do surf americano quer. Dessa famosa muralha de Off the Wall, tubos e mais tubos são vistos desde a época das performances da lenda Shaun Tomson, e depois Jonny 'boy' Gomes, e agora Jamie O'Brien. Observar no Hawaii, no North Shore, é sinônimo de aprendizagem.

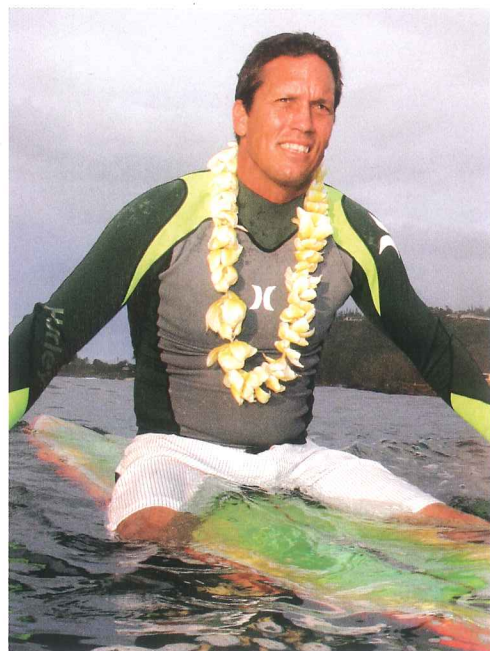


Keale Kealohe Lemos
Lembro do tempo em que eu estava no Brasil inconformado com a falta de ondas. Ficava pelas praias do Rio de Janeiro observando o 'flat' e, indignado, questionava: "Por que não nasci no Hawaii?" No fundo eu sabia, que mesmo morando lá, nunca surfaria aquelas ondas como os locais surfam. No fundo, um quase haole. Mas o tempo passou e o sonho que tive transferi à realização do meu filho, Keale Kealohe Lemos, nascido e criado no North Shore, que assim como Jê Vargas, é fruto da união de um surfista e uma bodyboarder. De acordo com o dicionário havaiano, Keale pode ser interpretado como 'a crista da onda' ou 'the wave', e Kealohe, significa 'the brightest', que pode ser traduzido como 'a estrela mais brilhante do céu'. Se depender da combinação astral do seu nome com o ambiente em vive, o futuro desse garoto será feliz e promissor.



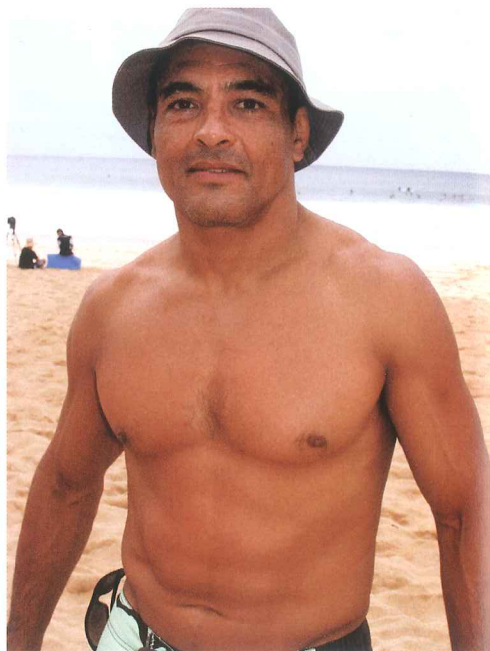
Jon Jon Florence

O 'grommet' mais conhecido no mundo do surf. Quem já teve a oportunidade de ver ele surfando sabe que o garoto é um talento nato. Criado pela mãe, na minha opinião, será o sucessor do Jamie O'Brien. Jon Jon discípulo, o mais jovem da história a competir no Pipe Master. Segundo o mito Kelly Slater, seu sonho é poder surfar uma bateria junto de Jon Jon, que será um ídolo de muitas gerações.



Brock Little

Brock Little é vitalício na lista de convidados do Eddie Aikau. Renomado surfista havaiano, Brock tem uma das melhores fotos já tiradas em Waimea Bay na década de 1980, num dos maiores dias já vistos. Big rider sinistro, participa de todos os Mavericks Contest, e se destaca também como dublê de Hollywood. Brock Little representa o Hawaï, nasceu, viveu e, provavelmente, morrerá no North Shore.



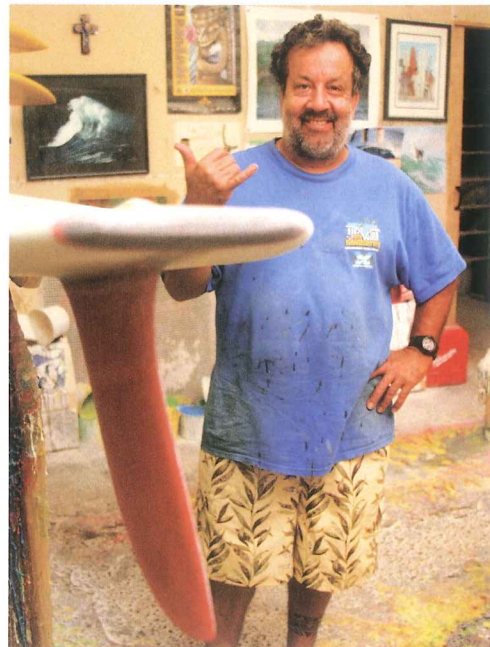
Rickson Gracie

Rickson é um dos maiores, senão o maior, nome da dinastia Gracie, sinônimo de lutador guerreiro. Rickson ama o surf e adora o Hawaï, onde sempre é muito bem recebido. Esse ano esteve no Hawaï junto do seu filho Kron, para dar algumas aulas de jiu-jitsu. De quebra, surfou altas ondas e participou da cerimônia em homenagem ao Eddie Aikau. Praia e tatame, surf e jiu-jitsu, Rickson sabe como viver.



Rodrigo Resende

Rodrigo Resende é um verdadeiro monstro, psicopata do big surf, ídolo nacional, fonte de inspiração para o surf de coração e alma. Representante dos 'surf feeling crazy real'. Sua filosofia, 'é deixar o corpo cair'. Nunca vi o Resende amarelar para nenhum mar. A impressão que tenho é que o 'Monster' leva tudo na brincadeira. Mas se o 'monstro' for perguntado qual era o tamanho daquelas ondas, provavelmente ele irá responder: "sloid 2 feet".



Horácio

Horácio lamina as pranchas de alguns dos melhores shapers do mundo, como Dick Brewer e Chuck Andrews. Especialista em fazer 'pin lines' e laminações com pigmentos, que chama de 'acid splash'. Trabalha numa bela oficina em Pupukea com mil e uma espécies de plantas. Um dos primeiros brasileiros no North Shore, é primo do eterno 'maluco beleza' Raul Seixas, que nas horas vagas procura estar dentro d'água com seu longboard em Chun's Reef.



Holly Beck

O que dizer de Holly Beck? Garota de fácil sorriso e astral elevado, é figura carimbada das águas e areias havaianas. Para muitos fonte de inspiração...

Entre muitas outras, estas são as pessoas, ou melhor, Kānaka do Hawaï, e juntas consomem da essência do North Shore.

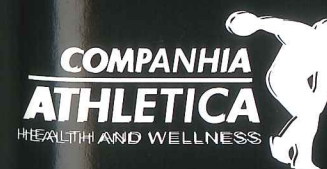
II Black-Belt Challenger Pro Surf

MARESIAS-

17/05 Open Class
18/05 Black Belt



CO-PATROCÍNIO

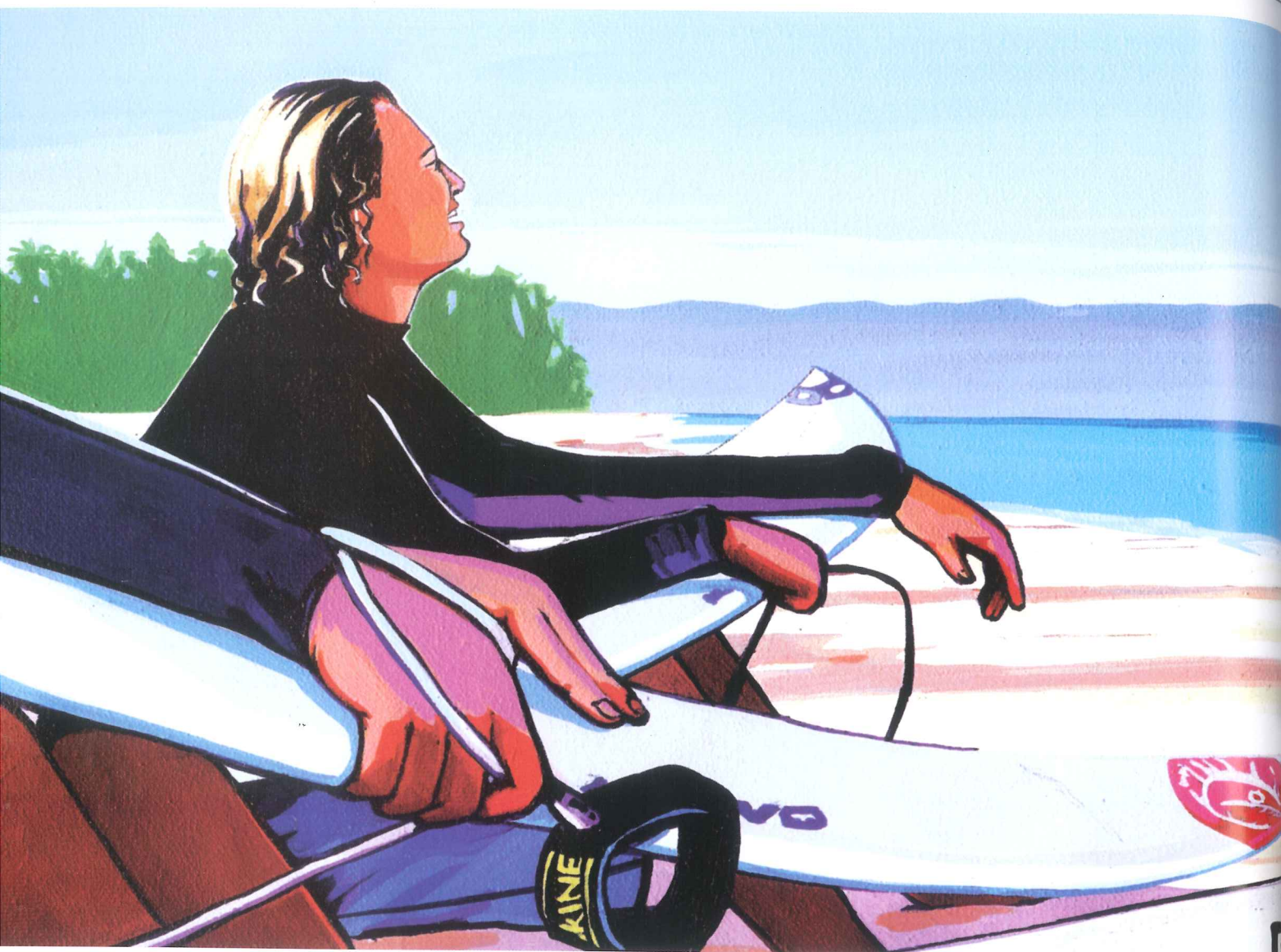


INFORMAÇÕES

11 3082 3938 / 914
eduardo@tripeXpress.com.br
www.tripeXpress.com.br



Christie Shinn *Uma artista no Hawaii*



Christie Shinn, apaixonada pelo Hawaii e pelo surf, busca nas belezas naturais das ilhas inspiração para dar vida às telas. Autodidata, a artista é apaixonada pelo surf e sua cultura, seus movimentos, suas expressões. Ao longo do tempo Shinn descobriu motivação, inspiração e oportunidade para produzir suas artes, criando novas e excitantes viagens como artista surfista apaixonada pelo mundo. Nativa do Canadá, Shinn achou seu lugar numa comunidade no North Shore de Oahu, onde mora há um bom tempo, que ela intitula como quintal de casa. Amistosa com os brasileiros, Christie mantém relacionamento saudável com

Bruno Lemos e Vitor Marçal, amigos que se encontram semanalmente. "Para mim, o surf é mágico e exótico. Cresci nos Grandes Lagos canadenses, muito distantes do oceano. Acho que isso me fez ter mais vontade de aprender a surfar e ficar em contato com o mar. Engraçado que eu não conhecia ninguém que surfasse, nunca tinha visto uma prancha. Aprender a surfar era um sonho de infância. Agora, o surf é muito mais do que um simples esporte. É o elo com a natureza, é vencer obstáculos, ter momentos límpidos de lazer, sentir adrenalina pura, fugir da realidade, ter equilíbrio em ambos os sentidos, optar por

liberdade, sentir-se em comunidade... O surf é complicado e gostoso como qualquer amor", declara Christie Shinn. Christie traz seu cotidiano em ilustrações. Pinturas, traços e cores, momentos inesquecíveis vividos à beira do oceano, no cotidiano vibrante do surf havaiano. Suas artes já brilharam em várias revistas e conceituados sites do mundo do surf. "Surfistas e artistas deixam a intuição guiar suas decisões. Acho que por isso existem tantos artistas que surfam, e existem muitos surfistas que criam arte, ambos têm personalidade semelhante, vivem o mundo dos sonhos que o oceano pode oferecer."



"O surf é mágico e exótico. É o elo com a natureza, é optar por liberdade, o surf é complicado e gostoso como qualquer amor. Surfistas vivem o mundo dos sonhos que o oceano pode oferecer."
Christie Shinn

artes:
obras de Christie Shinn

na pág. anterior:
Shaper's Paradise

ao lado: The Boys
nesta: Skimboarders

*Em Pipeline e Backdoor
o show não pára.
Kekoa Cazimero, havaiano,
tirou um tubo de frontside.*

fotos de Julio Fonyat



Com a chegada do inverno no hemisfério norte, como sempre um enorme número de surfistas se dirige para o arquipélago havaiano em busca dos famosos swells da temporada de ondas do Hawaii. Uma das mais cobiçadas dessas ondas é a mítica Pipeline.

O Melhor Pipeline dos últimos 3 anos

E Enquanto turistas australianos, brasileiros, europeus e muitos americanos vão em busca de uma experiência única na meca do surf e, quem sabe, pegar a onda da vida, surfistas profissionais procuram chamar a atenção da mídia e provar o seu valor. É nessas águas que o surfista encontra a grande oportunidade de se tornar famoso. Mas, ao mesmo tempo, o perigo dos rasos corais está sempre presente a cada drop, em cada tubo, em cada queda. A temporada começou devagar. A previsão para a janela destinada ao famoso Pipe Masters não era muito animadora, e o evento acabou rolando numa das piores condições já vistas. Por fim, o aussie Bede Durbidge sagrou-se campeão nas manobráveis ondas de Off the Wall, já que Pipe não apresentava ondulação suficiente para a competição. Ficou um certo clima de desânimo

no ar, e parecia mesmo que o mês de dezembro seria limitado a outros picos que funcionam sob swell menor, como Rocky Point e Velzy Land. Também é verdade que os primeiros dias de janeiro não trouxeram muita sorte para o surf nas ilhas. Mas, para vibração geral, no final da primeira semana, as bóias já mostravam a entrada de um swell bem clean, no prenúncio da primeira Pipeline de gala de 2008.

O dia 9 de janeiro amanheceu com aquela 'vibe surf' que o North Shore inspira. Do estúdio em que eu me hospedava em Pupukea, escutava as ondas quebrando ao longe, enquanto ansiosamente arrumava meu equipamento, antes mesmo da luz do sol ser suficiente para iluminar o ambiente.

Chegando a Off the Wall, ficou claro para mim que o swell estava maior do que o esperado. Os organizadores do Backdoor Shootout conversavam continuamente, tentando decidir se o evento deveria rolar ou se deveriam aguardar para iniciar o campeonato no dia seguinte, em condições mais amenas. Com as ondas rolando, o crowd na água já era intenso. E bastou uma boa série aparecer no line-up para, sabiamente, decidirem começar as disputas.

As séries maiores tinham bem mais de 12 pés, com uma Backdoor completamente over, com algumas ondas entrando perfeitas sobre os corais. Engraçado, o Hawaii tem momentos em que tudo parece competição, mesmo durante plenos free surfs, pois o espírito de integração ao desafio com a natureza é constante.

Grandes tubos e séries de ondas varriam todos os surfistas, causando desconforto a alguns aspirantes ao troféu de destemido. E no final da manhã o cenário era surreal. O sol brilhava forte, as ondas não paravam de bombar e o clima era de emoção geral.

Na areia, todos prestavam mais atenção em alguns nomes pegadores de Pipe e Backdoor, e quando chegou a vez dos drops do local Jamie O'Brien, a vibração se tornou única. Num deles, a série entrou bem no outside, onde O'Brien sentava mais para o fundo. O morador do pico remou forte numa sólida bomba de 12 pés, segurando a rabeta até sair na pressão da baforada, no que foi o maior tubo da temporada até então, ou, pelo menos, um dos maiores. Jamie O'Brien comemorou muito, numa onda competitiva que lhe valeu a nota 10,4 e os muitos gritos e aplausos do dia.



Respeito e atitude, assim é reconhecido o brasileiro Danilo Couto no Hawaii.

nesta pág. Bruce Irons, exímio conhecedor dos tubos de Pipeline.

na pág ao lado, seq. Jamie O'Brien, perfeição no quintal de casa

Fotos Julio Fonyat



Hawaii
08



Pipe e o Tubo, o melhor dos últimos 3 anos

O Da Hui Backdoor Shootout é um encontro diferente. Só para havaianos, uma bagatela de dinheiro do patrocinador libera a entrada dos competidores, e o campeão embolsa 50 mil dólares. Não existe eliminação nem camisa de campeonato, cada um surfa como quer. Se alguém tirar uma nota 10, os juízes podem estender até o número 12 caso algum atleta pegue uma onda melhor ainda. Basicamente, a reunião é um show feito pelos locais havaianos para eles mesmos se divertirem e mostrarem de fato a verdadeira intimidade com algumas das ondas mais temidas do Hawaii.

Em Pipe e Backdoor o show não pára. Kekoa Cazimero tirou um tubaço de frontside. Kalani Chapman colocou para dentro de uma fechadeira com os braços erguidos, para delírio da praia. Nathan Fletcher, relaxado como sempre, colocava pra dentro das maiores bombas. Danny Fuller andou de peito aberto nos tubos, parecendo não acreditar que Pipe finalmente tinha acordado, num dia mágico estampado nos sorrisos de quem saía d'água. Shows também de Bruce Irons, Ola Eleogram, Marcus Hickman, Myles Padaca, Mark Healey, entre outros remadores das esquerdas e direitas de Pipe e Backdoor.

O surf chegava ao fim e o mar estava se desfigurando consideravelmente. Ainda adrenalizado, imaginava quem entraria no mar após o término do Shootout. Aquelas condições realmente não eram para qualquer um, até

que desci mais perto de Backdoor... Confesso ter ficado arrepiado quando vi a galera da nova geração brasileira em polvorosa para entrar n'água, em meio a alguns outros malucos por surf.

Salvo poucos, é difícil ver brasileiros atravessando toda a temporada de inverno no North Shore, treinando, se concentrando, dropando todos os swells sem medo. Os destemidos bodyboarders Paulo Barcellos e Guilherme Tâmega, mais o surfista Stephan Figueredo, são uns dos poucos que vi nessa temporada quebrando, sem esquecer também os residentes que fazem história no Hawaii e outros quase residentes, como o big-rider Sylvio Mancusi. Porém, em mais uma temporada que tive a grande oportunidade de estar lá, percebi algo diferente. Essa nova geração brasileira estava lá, feliz, desde novembro, quebrando pranchas e se jogando, independentemente de qual era o pico da vez. Ricardinho dos Santos, Jerônimo Vargas, Tiago Camarão, Felipe Gordo Cesarano, André Pastori e Marco Giorgi (uruguaio radicado em Florianópolis) vêm dropando tudo e cravando raízes em solo sagrado.

Na última hora da luz natural foi liberada aos poucos free-surfers. Não rolaram mais tubos, apenas alguns drops no segundo reef. A varredura era constante até o Ehukai e, com o pôr-do-sol, os semblantes eram de felicidade. Grande experiência, no que foi considerado o melhor Pipeline dos últimos três anos...

Stand up Paddle

Hawaii
08

O stand-up paddle parece algo novo, mas na realidade não é. Os antigos povos polinésios usavam a prancha e o remo como meio de transporte de alimentos e utensílios através das praias. Durante a década de 60 no Hawaii, alguns dos lendários Waikiki beach boys, como Duke Kahanamoku e Leroy AhChoy, usavam remos para auxiliar a prática do surf com pranchas bem grandes nas praias da costa sul de Oahu, mas o esporte praticamente desapareceu na mesma rapidez com que as pranchas evoluíram,

com a diminuição gradativa de tamanho. Recentemente, alguns dos melhores big-wave riders da ilha de Maui, Laird Hamilton e Dave Kalama, e de Oahu, Brian Keaulana, Bruce DeSoto e Mel Pu'u, usaram o stand-up paddle para complementar o treinamento e a preparação física visando surfar ondas grandes de remada e tow-in, movimento que sugeriu o rebirth do esporte. No Buffalo Big Wave Board de 2004, foi incluída a categoria também conhecida como "beach boy surfing", em que muitos dos inscritos eram alguns

dos melhores watermen do Hawaii e ex-campeões de surf. Também existem muitas corridas de remada, destaque para a travessia do canal de Molokai para Oahu, popularizando o esporte. Muitos novos nem surfam, mas passam os dias remando em dias de flat water, na descoberta dos benefícios de um novo esporte. Está comprovado que o stand-up surfing aumenta o equilíbrio e a resistência, além de fortalecer o corpo de maneira geral, com intenso trabalho de abdômen e cardiovascular, trabalhando o corpo e a mente.



acima:
como diz o velho ditado:
filho de peixe, peixinho é, Aron Napoleon
ao lado, força stand-up surf

o surf havaiano está
elevando os padrões

O que tem chamado a atenção nesta temporada é que a elite do surf havaiano está elevando os padrões de busca e o grau de dificuldade do stand-up paddle. Pranchas de 10 pés com mais de 4 polegadas de espessura já deslizam em Pipeline, entre outros picos que mostram a realidade atual do esporte, coragem e habilidade. Pela primeira vez na história foi realizado um evento especial de stand-up, com a participação de 32 especialistas do esporte, o Ku Ikaika Challenge, na praia de Makaha, um verdadeiro espetáculo,

mesmo sem as ondas terem alcançado os esperados 20 pés, mas passando da casa dos 10 e quebrando com extrema perfeição para o seleto grupo de surfistas que arrepiaram na modalidade. Estavam na água surfistas do calibre de Blane Chambers, Bonga Perkins, Chuck Patterson, Kamu Auwae, Ikaika Kalama, Keoni Keaulana e Aron Napoleon, big-rider das antigas de enorme tradição familiar na canoagem havaiana. Para se ter idéia, Nappy Napoleon, pai de Aron, é uma espécie de Greg

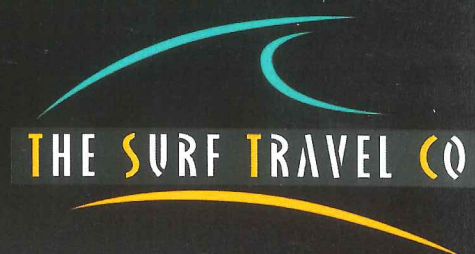
Noll da canoagem havaiana: atravessou pela 50ª vez o canal de Molokai, isso com 67 anos de idade, confirmando a estirpe de um dos maiores watermen havaianos. Como diz o velho ditado: filho de peixe, peixinho é. Aron, mesmo um pouco afastado do surf, tendo que trabalhar a semana inteira e limitando o surf aos finais de semana, venceu caras que vivem exclusivamente do surf, mostrando que as raízes de surfista e remador estão vivas, correndo forte em seu sangue.

O stand-up surfing aumenta o equilíbrio e a resistência,
fortalece o corpo e a mente





CONHEÇA OS PARQUES DE DIVERSÕES DOS SURFISTAS.



www.surftravel.com.br
+55 11 5052-4181
surftravel@surftravel.com.br

Parceiros: **TACA**

ASSIST-CARD

 **SOUTH AFRICAN AIRWAYS**

Califórnia SURF Season

Enquanto no Hawaii surfistas em geral e a mídia especializada esperavam por boas notícias de grandes ondulações de potentes swells geradores de ondas gigantes, foi na Califórnia que as coisas aconteceram.

C Com a movimentação de ventos e mares, os principais sites de previsão e monitoramento apontaram para a costa norte-americana banhada pelo Pacífico, instigando os caçadores de condições extremas de surf, que não perderam tempo e foram em busca dos grandes swells que quebraram neste inverno. Vários picos sentiram a força desse inverno, que passou batido pelo Hawaii e estourou pra cima dos Estados Unidos, que cada vez mais cravam sua importância no mundo do surf por suportar séries de ondas gigantes. Os brasileiros, em meio aos gringos, fizeram bonito em gélidas águas estrangeiras, surfando qualquer ondulação que ultrapassasse a casa dos 20 pés. Carlos Burle, Everaldo 'Pato' Teixeira, Rodrigo Resende, Yuri Soledade, Eraldo Gueiros, Danilo Couto, entre outros 'insanos', homens, surfistas altamente preparados para o surfe de ondas grandes, seja no tow-in ou na remada, pegaram altas ondas nessa temporada e conquistaram destaque e respeito internacional por onde surfaram.



Ao sul da Califórnia, Mike Parsons surfa a poderosa onda de Cortes Bank, uma das maiores já registradas na Califórnia. A onda de Parsons concorre aos louros do Balahong XXL Big Wave Awards como a maior onda da temporada.

foto de Robert Brown



foto Bruno Lemos

O pernambucano Carlos Burle, reconhecido pelo ambiente dos big-riders como um dos surfistas mais técnicos e atirados em ondas realmente grandes, conquistou espaço eterno na história do surf mundial, estampando a capa de março da lendária revista Surfer, que publicou uma foto do brasileiro numa onda sinistra e surreal em Ghost Tree, num momento histórico do surf de ondas grandes.

Ghost Tree, monstruosa e delirante – trágica –, contrapôs o paradoxo da alegria e da tristeza, fazendo vítima um experiente surfista neste mesmo swell surfado por Burle e Pato, que puxou o parceiro na bomba que saiu na capa da Surfer. O californiano Peter Davi, 45, decidiu enfrentar no braço o mar, que teve seus momentos de 70 pés, e chegou ao fim de sua vida nessa direita pesada também conhecida como Pescadero Point. Os surfistas locais, extasiados com o tamanho do mar que cresceu em Ghost Tree, alternaram essa alegria com a incompreensão ao resgatar já sem vida o parceiro de surf. Danilo Couto, que fez dupla com Brad Gerlach, pegou altas. E a brasileira Maya Gabeira também dropou algumas morras, mas em situações bem mais amenas do que as enfrentadas pelos outros brazucas já citados. Em Mavericks, fortes bombas no final da primeira quinzena do ano ofereceram 30 pés de condições ideais para a realização do tradicional Mavericks Surf Contest, na baía de Monterey, Half Moon Bay.

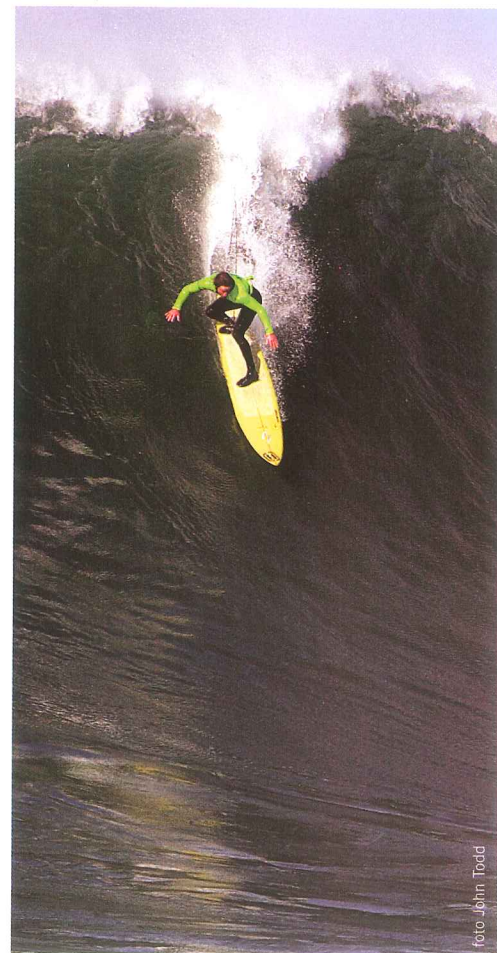


foto John Todd

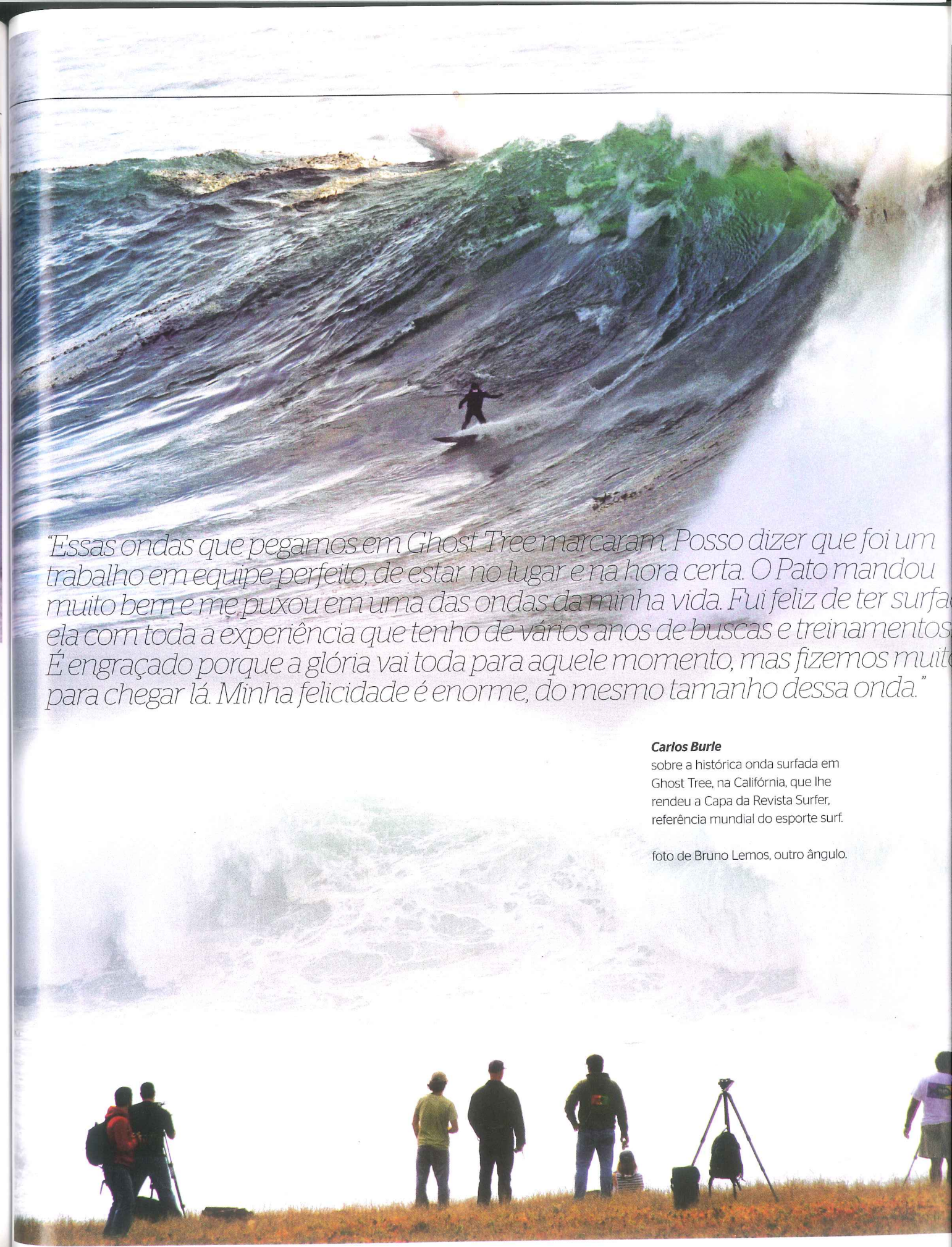
Acima: Ghost Tree, monstruosa e delirante. Everaldo "Pato" Teixeira, puxado por Burle, surfa com estilo uma das maiores da temporada. Foto de Bruno Lemos.

Ao lado: Mavericks, Grant "Twiggy" Baker.

Abaixo: Everaldo Teixeira, preparação em Ghost Tree



foto Bruno Lemos



"Essas ondas que pegamos em Ghost Tree marcaram. Posso dizer que foi um trabalho em equipe perfeito, de estar no lugar e na hora certa. O Pato mandou muito bem e me puxou em uma das ondas da minha vida. Fui feliz de ter surfado ela com toda a experiência que tenho de vários anos de buscas e treinamentos. É engraçado porque a glória vai toda para aquele momento, mas fizemos muito para chegar lá. Minha felicidade é enorme, do mesmo tamanho dessa onda."

Carlos Burle

sobre a histórica onda surfada em Ghost Tree, na Califórnia, que lhe rendeu a Capa da Revista Surfer, referência mundial do esporte surf.

foto de Bruno Lemos, outro ângulo.



Mavericks;
acima, Danilo Couto
ao lado, Greg Long
abaixo, amizade em Mavericks



acima, Eraldo Gueiros, Oregon
abaixo, Maya Gabeira e Carlos Burle,
caçadores de ondas gigantes



"Quase não acreditei que estava em Oregon pegando aquele swell maravilhoso. O dia estava lindo com ondas incríveis passando dos 15 - 20 pés, com sol e terral fraco, numa direita muito parecido com Sunset quando está grande e perfeito. Uma onda forte que pode rolar até um tubo bem cavado. Foi uma ótima experiência fazer dupla com o Eraldo Gueiros, como nesta onda (acima), que junto do Carlos Burle forma a dupla mais experiente do mundo. Na verdade foi prazer receber o convite, pois mostra que estou no caminho certo das ondas grandes."

Everaldo "Pato" Teixeira
tow surfer brasileiro reconhecido
caçador de ondas gigantes, sobre
as ondas e a parceira com Eraldo
Gueiros em Oregon, Califórnia.

foto Richard Halimah

foto Bruno Lemos



Vitória do big-rider Greg Long, com o espírito coletivo surgindo dentro d'água num acerto de divisão dos prêmios entre os finalistas antes da bateria final, no outside, no campeonato idealizado por Jeff Clark. O havaiano Jamie Sterling e o sul-africano "Grant Twiggy" Baker também se destacaram na remada e fizeram bonito nas bombas de Mavericks.

Oregon, situado entre os estados da Califórnia e Washington, no norte da costa americana do Pacífico, fez a cabeça dos big-riders brasileiros Eraldo Gueiros, Everaldo Pato, Rodrigo Resende e Yuri Soledade. Burle entrou no mar no primeiro dia do Nelscott Reef Tow-In Classic, única competição de tow-in do continente norte-americano, mas atendendo ao chamado de um possível Eddie Aikau voou imediatamente para o Hawaii, trocando a parceria com o Pato, que fez por onde e encontrou um bom entrosamento com Eraldo para puxar o parceiro e pegar altas ondas. Rodrigo 'Monster' Resende se tirou nas maiores na dupla com Yuri Soledade, que também substituíra Danilo Couto, que estava em Mavs, e juntos surfaram ondas de 40 pés de pressão.

Ao sul da Califórnia, Mike Parsons e companhia deslizaram sobre as poderosas ondas de Cortes Banks, nas maiores ondas já registradas na costa de San Diego. Grant Baker, Brad Gerlach e Greg Long também estavam no pico e droparam ondas impressionantes. Aliás, a onda de Parsons concorre aos louros do Billabong XXL Big Wave Awards como a maior onda da temporada, e entra na disputa com as outras ondas, um delas a de Carlos Burle em Ghost Tree.

O inverno chegou quente na costa da Califórnia, fervendo de grandes ondulações para todos os picos que suportam os grandes swells. Relatos de ondas gigantes em outras datas e picos não param de chegar, e não só na Califórnia, mas pelo mundo, que registrou ondas enormes na Europa, África, Oceania, América do Sul, e na própria América do Norte, além de outras sessões e previsões de surf de ondas grandes que ainda estão para subir e acontecer. Agora é monitorar as previsões para saber qual será a onda da vez. Os caçadores de morras gigantes estarão lá, como guerreiros do tow-in e da remada, a domar as gigantescas ondas enviadas pela mãe natureza.

"Depois de enfrentar uma longa viagem, fiquei absurdamente feliz por ver aquela onda gigante e surfável. Sabia que as ondas em Cortes quebravam bem grandes, mas não tinha atinado o tamanho real daquela montanha d'água. Então, pude acreditar no quanto enorme e forte eram as ondas de Cortes Bank."

Robert Brown

fotógrafo californiano autor do registro histórico da gigantesca onda de Cortes Bank, surfada por Mike Parsons.

Nesta foto, Brad Gerlach, no topo de Cortes Bank



na foto maior: Qual é o tamanho dessa onda? Brad Gerlach, experimenta a adrenalina de surfar ondas gigantes em Cortes Bank

foto menor: Brock Little, Mavericks

Ano novo: Novos desafios, novas metas

Começar o ano é sempre bom. Novos desafios, novas metas, novas idéias, novos compromissos, novas perspectivas, enfim... A renovação que o ano novo nos traz deve ser canalizada da melhor maneira possível. Sei que quando essa coluna estiver sendo lida não será necessariamente o início do ano, entretanto, acho que o 'planejamento' é um assunto muito importante para todos os surfistas. Todos desejamos paz, saúde, boas ondas e surf trips, mas para que tudo isso possa se realizar, planejamento é algo imprescindível. Não adianta deixar o tempo passar e empurrar para depois o que você acha que deve fazer, aliás, digo isso para tudo na vida, não só no surf. Mas, como o assunto é surfê, vamos começar por alguns tópicos que considero básicos para que um surfista alcance um alto grau de satisfação. Para que se consiga uma boa performance dentro d'água, é necessário estar munido de bons materiais: boas cordinhas, boas roupas de borracha, boas parafinas e, principalmente, boas pranchas. E para isso é necessário que se planeje um bom quiver, pois com uma boa escolha de pranchas para as determinadas ondas do seu planejamento, você irá surfar bem em quaisquer condições que o mar apresentar, e isso lhe trará a satisfação tão sonhada naquela sessão de surfê. Não adianta cair num mar com altas ondas com o equipamento errado. Se isso acontecer o tiro pode sair pela culatra, e o que era pra ser um ótimo dia de surfê passa a ser um dia de pesadelo, com vacas, prancha quebrada,

sufoco, etc., etc. Com um bom quiver nas mãos você terá mais vontade de surfar e de testar suas ferramentas, descobrindo em quais condições elas funcionam melhor. Exemplo: aquelas marolas e você está com sua fish ou com seu longboard, ou naqueles dias maiores você está testando quilhas maiores e pranchas mais estreitas... Enfim, já estou pensando no ato próprio de surfar, há uma gama enorme de combinações que podem proporcionar altos momentos a um surfista. Mas para isso, repito, é necessário planejamento. A reboque da preparação, vem a realização de novos desafios, a busca de novos caminhos, de se encontrar espiritualmente (seja qual for sua religião), a busca espiritual de bem-estar. O que todos queremos é encontrar nossos caminhos, e em especial nós, surfistas, buscamos uma vida mais saudável; prazerosa e completa. Estou indo para a minha 35ª temporada havaiana e me lembro perfeitamente do dia em que pisei naquelas terras, em 1972, e lá se vão 36 anos!

Na época eu vivia um momento glorioso e saí do Brasil como campeão brasileiro, título conquistado em Ubatuba. O Hawaii é a minha segunda casa e é lá que busco meu equilíbrio, minha paz e a inspiração para seguir trabalhando convicto no transcorrer do ano. E para viajar ao Hawaii, precisa-se de muito, como escrevo nestas linhas, planejamento. Pode parecer até redundância, mas é um toque, porque senão você não vai se dar bem nas pesadas ondas do arquipélago mais surf do mundo. É importante ficarmos atentos às novas tendências do mundo do surf, seguirmos novos caminhos, encarmos novos projetos, e para tanto devemos estar centrados, concentrados, absorvendo toda a energia que o surf pode oferecer. Quando falo em "estar centrado", estou falando sobre ficar bem financeiramente, trabalhando na área em que você realmente gosta, porque só assim sua produção será realmente otimizada. Caso contrário, você estará desperdiçando energia, tempo e até dinheiro. Vamos aproveitar esse ano de 2008, que já começou acelerado e está bem no início, para pensar em criar, desejar, realizar. É muito importante valorizarmos as verdadeiras amizades e conseguirmos, também, atrelar todo esse planejamento do qual falei com um estilo de vida saudável, no qual você não passe por cima de ninguém, e sim ajude as pessoas que necessitam. Isso, com certeza, fará de você uma pessoa melhor.

Aloha

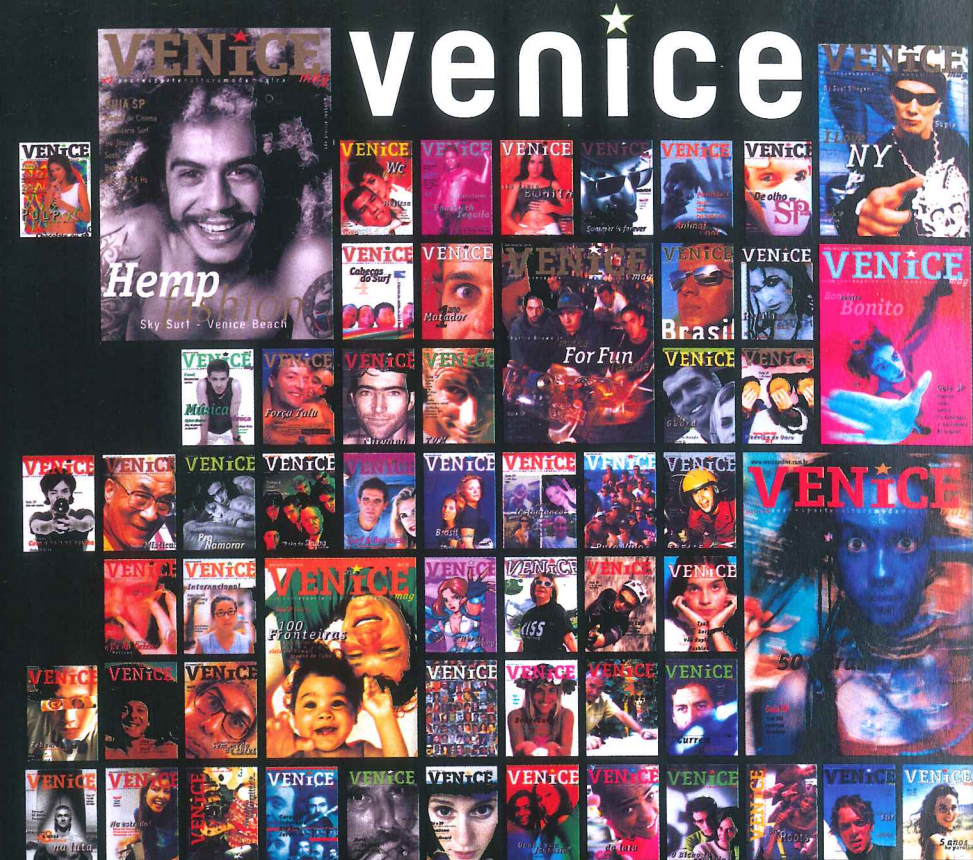
Rico de Souza em seu escritório indoor, produzindo a própria prancha, mais uma para compor seu quiver, para 35ª temporada no Hawaii



por Rico de Souza

Veja onde encontrar a sua:

SP - SÃO PAULO → Academia Activa: Av. Henrique Schaumann, 717 → Banca MTV: Av. Alfonso Bovero, esq. Dr. Arnaldo - Sumaré → Banca Pacaembu: Praça Charles Miller → Banca Praça Vila: Praça Vilabolim, 49 - Higienópolis → Banzai: Shopping Lapa → Blear: Shoppings - Butantã. Continental: Raposos Tavares e Taboão → Brasil Boards: Av. Diógenes Ribeiro de Lima, 2100 - Alto de Pinheiros → Cavalaria: Al. Lorena, 1682/ Shoppings - Higienópolis, Ibirapuera, Morumbi e Villa Lobos → Centauro: Shoppings - Eldorado, Jardim Sul e West Plaza → Central Surf: Shoppings - Aricanduva. Center Norte: Interlagos, Metrô Tatuapé e Penha → Emotion Skate Boards: R. Prof. Herbert Baldus, 170 → Fiac: Pinheiros e Paulista → G Zero: Av. Clodomiro Amazonas, 1158 lj. 20 - Itaim Bibi → Gasser: Rua Cel. Lucio Rosales, 166 - Santana → High Point: Pça. Tomás Morus, 408 bl. B lj. 1210 → Hot Water: Shoppings Metrô Tatuapé e Eldorado → Ibrassur: Al. Dos Sábios, 388 - Moema → Island Store: Rua Voluntários da Pátria, 2306 / Shop: Ibirapuera → Kyy: Shoppings - Pátio Higienópolis. Plaza Sul, Metrô Tatuapé, Aricanduva, Center Norte e Paulista → Menina do Mar: Rua João Cachoiera, 660 - Vila Nova Conceição → Mormaii: Shopping Morumbi → Overboard Megastore: Rua Dr. Olavo Egídio, 51 / Shoppings Ibirapuera e Metrô Tatuapé → Pico do Surf: Rua Barão de Itapetininga, 262. Pousada: 5555 / Av. Jabaquara, 2737 → Plasma Radical & Skate Park: Av. Aricanduva, 2070 - Vila Gustavo → Sea Side: Shopping Center Norte → SP Surf: Shoppings: Interlagos, Jardim Sul e Morumbi → ST Comp Moema: Alameda Jurupis, 1535 - Moema → Star Point: Av. Irai, 224 / Shoppings: Anália Franco, Eldorado, Jardim Sul, Villa Lobos, Villa Lobos Mulher e West Plaza → Star Surf: Shopping Raposos Tavares → Shill Wet Land: Shopping Plaza Sul → Surf Trip Moema: Av. Dos Imarês, 225 / Shopping West Plaza → Surfers Paradise Board Shop: Av. Nhamiquaras, 1674 → Tahai: Shopping Center Norte → Tent Beach: Shoppings: West Plaza, Anália Franco, Center Norte, Ibirapuera, Metrô Santa Cruz, Metrô Tatuapé e Plaza Sul → Todas as Ondas: FERNÃO DIAS, 28 - Pinheiros → Torquay: Shoppings: Anália Franco, Metrô Tatuapé e Penha → Ultra Hemp: Rua Augusta, 2690 - Vila Olímpia → Wake: Galeria Ouro Fino → Wake na Praia: Rua Florida, 1410 - Brooklin → Wave Boys: Galeria Ouro Fino - Rua Augusta, 2690 lj. 313 → Wet Works: R. Dom Macário, 252 - Saúde → SP - CAMPO LIMPO PAULISTA → Okulou Surf Skate Shop: Rua Campos Sales, 103 - Centro → SP - SANTOS → Academia Unike: Av. Ana Costa, 156 → Hot Water: Shopping Praia Mar → Menhume: Super Centro Boqueirão - Lj 203 → Mordenti Tattoo: Av. Marechal Deodoro, 68 sl 21 - Gonzaga → Pista do Choro: Rua Almeida de Moraes, 54 → Rip Wave: Av. Nilo Peçanha, 1187 - Marapé → Shill: Shoppings - MiraMar e Praia Mar → Surf Store: Av. Pedro Lessa, 796 - Ponta da Praia → SP - SÃO VICENTE → Lines Surf Shop: Rua João Ramalho, 561 - Centro → SP - GUARUJÁ → Curvão: Av. Dom Pedro, 1426 - Enseada → Ilha Nativa: Rua Mario Ribeiro, 166 - Pitangueiras → Rip Surf: Av. Marechal Deodoro da Fonseca, 1096 - Pitangueiras → Shill Cris Shop: Rua Caminho do Mar, 12 - Pitangueiras → SP - SÃO SEBASTIÃO → Escola de Surf Ze Paulo: Praia da Baleia → Madre Guadalupe: Av. Cláudio Izidoro do Espírito Santo, 251 - Juquehy → Odeio Verde: Rua Benjamin Manuel dos Santos, 74 - Boicunganga → Stilo e Arte: Estrada de Camburi, km 664 → Surface: Rod. Rio Santos km 168, 60 → Tubarão: Rua Uberlândia, 184 → A Firma: Rua Sebastião Romão César, 419 - Maresias → Barraca do Ale: praia de Maresias, em frente ao 2000 → Chill Surf Shop: Av. Francisco Loup, 726 - Maresias → Gold Coast Cafe: Rua dos Navegantes, 139 - Maresias → Legend's Food: Av. Francisco Loup, 1166 - Maresias → N'areia: Av. Francisco Loup, 740 - Maresias → Restaurante N'Peixaria: Av. Adelino Tavares, 18 - Barra do Sahy → Sushi Jungle: Av. Guanabara, 591 - Maresias → Prata da Praia: Av. Francisco Loup 754 lj 8b - Maresias → Tatoo Maresias: Av. Francisco Loup, 1131 - Maresias → Terra: Rua dos Navegantes, 542 - 3865-6488 - Maresias → Tico's Bar: Rua Sebastião Romão César, 45 - Maresias → Yokohama: Av. Francisco Loup, 500 - 3865-7995 - Maresias → SP - UBATUBA → Barraca do Bolo: Entrada de Itamambuca → Rica do Curio: Rod. Osvaldo Cruz, km 21 (Taubaté - Ubatuba) → North Shore: Entrada de Itamambuca → Padang: Entrada de Itamambuca → Pousada Todas as Lusas: Rua C, 115 - Itamambuca → Shill: Rua Prof. Tomas Galhardo, 60 - Centro → Taco Surf: Rua Guarani, 736 - Lj do Farol - lj. 01 - Itaguá → SP - CAMPINAS → Spice Beach: Rua Dr. Vieira Bueno, 341 - Cambui → SP - PIRACICABA → Planeta Surf: Rua São José, 947 - Centro → SP - ATIBAIA → Always Girls e Always Boys: Rua Tomé Franco, 362 e 328 → SP - BRAGANÇA PAULISTA → Board Trip: Rua Cel. Osório, 59 - Centro - 4034-2121 → SP - SÃO CARLOS → MKM Surf Shop: Rua 9 de Julho, 2045 e Av. Sallum, 1102 → GO - GOIÂNIA → Free Port: Av. Jamel Cecilio, 3300 sala 265 / Av. T-10, n° 1300 lj. Esc. 135 - St. Bueno → Tribu das Ondas: Av. Jamel Cecilio, 3300 sala 225 / Rua T-61 esq. T-4, n° 147 eq. 129 / It. 01 - St. Bueno → Porto Livre: Av. T-10, n° 1300 lj. Esq. 136 - St. Bueno → BA - SALVADOR → Snap Surf: Rua Belo Horizonte, 64 Ed. Barra Master → RJ - RIO DE JANEIRO → 2 Surf: Barra Shopping → Academia da Praia: Av. Erico Verissimo, 390 - Barra da Tijuca → Bibi Swax: Icarai Rua Maris e Barros, 90 / Leblon Av. Ataulfo de Paiva, 591A / Shopping Leblon / Lj Barra: Rua Olegário Maciel 493, Lj. A / North Shopping → Boards Co: Rua Francisco Otaviano, 67 - Copacabana → Bumbum: Shopping Rio Sul / Forum Ipanema: Rua Visconde do Pirajá, 351 lj B → Extreme Club: Av. do Pepê, 780 - lj A → Home Grown: Rua Maria Quitéria, 68, 3º andar - Ipanema → Homey: Rua Francisco Otaviano, 67 lj 17 - Copacabana → Hot Buttered: Shoppings: Rio Sul, Barra, New York City Center, Norte e Tijuca → Jamil Icarai: Rua Miguel de Frias, 70 lj 105 / Shoppings - Barra, Rio Sul e Tijuca → Sea Cult: Av. Cesário de Melo, 3006 lj 118 / Campo Grande West Shop / Meier: Rua Dias da Cruz, 118 lj 143-S → Star Point: Shoppings: Barra, Norte e Rio Sul → Surf Adventures: Shopping Downtown → Wave: Shoppings Barra e Iguatemi → WQ Surf: Shoppings: Madureira, Ilha Plaza, Carioca, Nova América e Tijuca Off → RJ - NITERÓI → Star Point: Plaza Shopping → Jamil Plaza Shopping → Hot Buttered: Plaza Shopping → Centauro: Plaza Shopping → Wave Rock: Engenho do Mato → RJ - CABO FRIO → GHP: Rua Raul Veiga, 585 lj 02 - Centro → RS - PORTO ALEGRE → Matriz Skate Shop: Shopping Total → RS - CANOAS → Mormaii: Canoas Shopping → RS - NOVO HAMBURGO → Delirio Surf Shop: Novo Shopping → PR - CURITIBA → 30 Pés: Shoppings: Barigüi, Curitiba, Cristal, Miller e Omar → Back Wash: Rua 15 de Novembro, 536 / Shoppings: Pollo, Itália, Jardim das Américas, Miller, Omar e Total → Drop Dead: Shoppings: Miller, Park Shop e Barigüi → SE - ARACAJU → Lj Venice: Rua Laranjeiras, 411 - Centro → SC - FLORIANÓPOLIS → Academia Forma/Aragua: Centro de Treinamento → Natural Mystic → Quatro Ilhas Surf Shop: Rua Felipe Schmidt, 249 Lj 03 → Jeffrey's Calçada: Rua Felipe Schmidt, 39/Galeria ARS/ Shoppings Beira Mar e Itaguá → Moana: Shopping Beira Mar → Mormaii: Lagoa da Conceição - Rua Manoel Severino de Oliveira, 669 / Rua Felipe Schmidt, 249 → Aeroporto Hercílio Luz: Rod. Deputado Domicio Freitas, 3393 → Sunglasses: SC 401 km 7,5 / Jurerê Internacional: Av. das Raias, 913 lj 01 → Sul Nativo Lagoa da Conceição: Av. Alonso de Lambert Neto, 10/ Shoppings Beira Mar e Itaguá → Jamaica Surf Shop: ARS: Rua Felipe Schmidt, 249 → Pousada HI-Adventure: Rua Sotero Farias, 610 - Rio Tavares → Tropical Brasil: Rua Maria Madalena Bilk, 26 - Campeche → SC - ITAJAI → Padang Surf Shop: Rua Gil Stein Ferreira, 307 → SC - CAMBORIÚ → Aloha: Av. Atlântica - 1940 - Bal. Camboriú / Atlântico Shopping → Mormaii: Av. Brasil, 1317 → Surfers Paradise: Av. Brasil, 1313 → SC - GAROPABA → Sul Nativo: Rua Pref. João Orestes de Araújo, 893 → Mormaii: Rod. SC 434, 1201 - km 01 → SC - JOINVILLE → Teahupo Surf House: Rua Expedicionário Holz, 275 → Surf Shop: Rua Jacob Richlin, 189 - Centro → DF - BRASÍLIA → Ambiente Skate Shop: Rua T-30 - Setor Bueno



A PRIMEIRA REVISTA DE BOLSO DO PAÍS
COMPLETA 11 ANOS, TOTALMENTE GRÁTIS



PEQUENA
NO TAMANHO
GRANDE
NO CONTEÚDO

Aloha, La Barre! (1950-2007)

Flávio La Barre, um garoto de 23 anos, tem nas mãos um valioso legado, ao qual promete dar continuidade. Ele é o filho de Flávio Joaquim Ferreira, o famoso La Barre, surfista santista que ficou conhecido no litoral de São Paulo por ter feito de Itanhaém um verdadeiro pólo do surfe na região. No final do ano passado, esse pioneiro passou para outro plano, vítima de um infarto, aos 57 anos.

Durante o IV Santos Surf Festival, ocorrido no mês de janeiro, La Barre recebeu homenagem póstuma. Era um irmão muito querido entre todos. Cisco Araña, pupilo e amigo de La Barre, relata emocionado que "um dos motivos que me levaram a participar do Santos Surf Festival foi saber da homenagem ao La Barre, que influenciou várias gerações ao desenvolvimento do esporte. Pude sentir a presença dele dentro d'água".

Carisma. Era uma das características mais

marcantes desse apaixonado pelo mar, especialmente por ondas grandes. "Um grande amigo e homem, que se dava bem com todo mundo", diz Carlos de Alencastro Guimarães, o Lobinho, parceiro de ondas durante toda a juventude santista.

La Barre foi um visionário. De uma pequena oficina de pranchas na Ponta da Praia de Santos, migrou para o município de Itanhaém, isso na década de 1980, quando lá quase ninguém falava em surfe. Consolidou um pequeno império para as medidas da região. Surfistas que freqüentavam aquelas praias do litoral sul, todos conheciam a marca La Barre e a surf shop com mesmo nome, que existe imponente até hoje. Com tino para os negócios e muito bem relacionado profissionalmente, ele fundou a Clark Fibras, empresa à qual dedicou grande parte do tempo nos últimos anos. Em 2000, o surfista de alma sofreu um duro golpe da vida, com a perda de sua companheira e esposa Maria, que faleceu jovem, aos 42 anos, deixando La Barre profundamente abalado. Segundo seu filho,

por Equipe Alma Surf / texto Pedro Martins

o desânimo do pai foi tanto que praticamente abandonou a surf shop, só retornando às atividades normais em 2005, renovado para outras investidas.

Flávio La Barre foi um desbravador. Hawaii, América, Indonésia e Europa, numa época em que os recursos eram bem menos favoráveis, foram suas buscas. Inclusive, La Barre ficou famoso por suas viagens aos picos dos sonhos, e na Indonésia adquiriu respeito por boas performances.

Na França, a inspiração: 'La Barre' é o nome de uma praia com altas ondas. Solidário. O shaper, surfista e comerciante / empresário, pai de honrada família, formou uma das primeiras equipes de surfe profissional do país. Por lá, receberam o apoio: Daniks Fisher, Wagner Pupo, Alfredo Bahia e a saudosa lenda do surfe vicentino Nino Matos.

La Barre se foi cedo, pelas palavras de Cisco Araña: "Mandamos um aloha para você, Flavinho!".

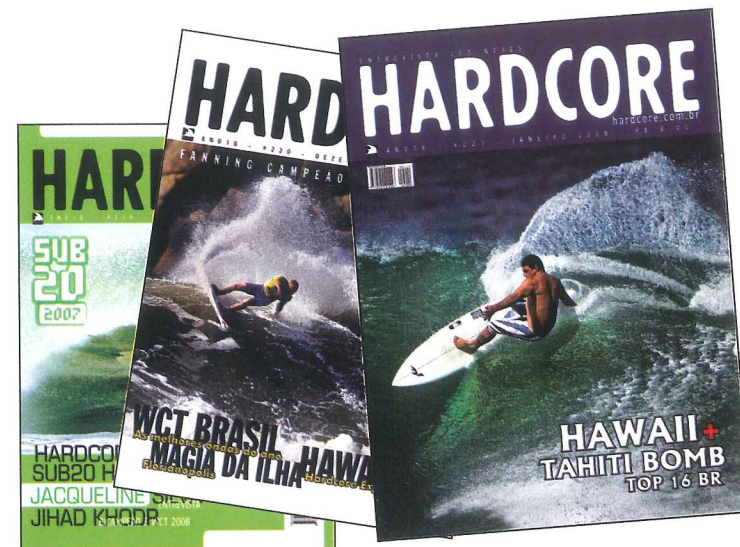
A equipe ALMA SURF estende energia e se solidariza com a família e com os amigos do lendário La Barre, surfe em paz.

La Barre foi um desbravador. Ficou famoso por viagens dos sonhos, e na Indonésia adquiriu respeito.

foto arquivo de família, sob arte de cassio leitão

HARDCORE

LANÇA A BANCA VIRTUAL DO SURF



VERSÃO DIGITAL DA REVISTA IMPRESSA

A Hardcore (inclusive essa que está em suas mãos), está no site gratuitamente. Na íntegra. Somos a favor da democratização da informação, ou seja, conteúdo de qualidade gratuito disponível para quem quiser, de qualquer lugar do mundo. Agora a Mais Surf do Brasil é mundial, ecológica, democrática e ainda mais Hardcore.



EDIÇÕES DIGITAS GRATUITAS

No embalo da Hardcore Digital resolvemos reeditar algumas das nossas melhores matérias, em edições feitas apenas para o site. São vários "Títulos Digitais" que transformaram o hardcore.com.br na primeira banca virtual do surf. Eles trazem as crônicas da Cris Shine, as colunas publicadas por Zé augusto de Aguiar, as matérias sobre longboard de Jaime Viúdes, e as melhores matérias dos últimos meses. Uma coleção que fica a seu dispor, sem ocupar espaço... além da sua cachola.

Surf Mágico

A magia que a arte de deslizar sobre as ondas nos transmite é algo inexplicável. A jornada é agradável desde o momento em que você resolve ir pegar onda. Desde o instante que pensamos em ir surfar, nos bate imediatamente um entusiasmo que faz toda a diferença. Quando ficamos de fora d'água apenas olhando, sem surfar, porém hipnotizados no movimento e no desenrolar da perfeição de uma onda cristalina quebrando perfeita, a mente viaja imaginando linhas sendo traçadas na parede. A imaginação se solta fazendo manobras mentais no movimento cósmico da onda quebrando na imensidão das águas do mar. Todo o ritual da surfada é especial. Desde uma surftrip ainda apenas programada, ou mesmo já na noite anterior ao surf, vivemos momentos mágicos da vida, numa intensa expectativa de como será... O surf definitivamente mexe com as nossas emoções. São muitos os momentos mágicos que compõe a totalidade do ato por si só. Do momento de pisar na areia em direção às ondas até sentir o aroma, ao passar parafina na prancha, que se mistura ao cheiro da brisa do mar numa bela manhã de sol, preparamos o

ambiente para a transformação da nossa alma. Os efeitos para alguém que surfa na vida são totais. A vibração positiva que exalamos quando estamos diante de altas ondas é inexplicável, incontrolável. Os valores e a visão do surfista em encarar a vida são o que mais conta. A arte de surfar ainda sustenta a inspiração na criação de músicas, pinturas, desenhos, pranchas, modelos, cores, roupas, estilos, comportamentos, movimentos, criações literárias, palavras, manobras, atitudes, enfim, tudo interligado, movido e inspirado, numa prática comum a nós, surfistas: a surf arte. Existem muitos detalhes que nem prestamos atenção, mas que são tão mágicos quanto. Talvez o momento mais nobre seja o presente da mãe natureza, com aquela onda perfeita, vinda certinha para você em número, medida e grau. A consequência máxima do surf seria uma onda perfeita, depois de um drop atrasado e um tubo profundo, rodando no turbilhão cristalino, onde de repente as coisas começam a funcionar a seu favor. Uma força da natureza acelera a sua prancha e no final ela se despede, te dando um banho de pressão e vapor em forma de baforada. É nessa hora que falamos com Deus, só você e o Criador.

Detalhes da mágica envolvida no surf também geram encontros especiais, como o de ser reconhecido no outside por um leão-marinho em algum pico na Califórnia. Detalhes de tomar uma encarada olho no olho de uma tartaruga na sua praia local, ou ver um monte de peixinhos nadando no deque da sua prancha. Podemos tomar um susto ao ver uma raia-jamanta decolando vô a poucos metros de distância do corpo. Enfim, sempre estaremos num território que não é totalmente o nosso, onde a vida selvagem nos rodeia, e nos tornamos selvagens também. Corais, areias, águas salgadas, ouriços, peixes grandes e pequenos, amigos golfinhos e temidos tubarões. Na verdade, a interação entre homem, animal, mar, montanha, céu e vento faz da experiência de surfar o ato mais nobre, natural, saudável e mágico que um ser humano pode vivenciar nesta passagem. Você, que é um ser que está vivo e saudável, passeando no tempo deste planeta... Demorou... vai surfar... Aloha e boas ondas!



"Pisar na areia em direção às ondas, o aroma, a parafina, o cheiro da brisa do mar, o sol, transforma a alma", Taiu Bueno.
foto Dandão, Iomo Hawaii

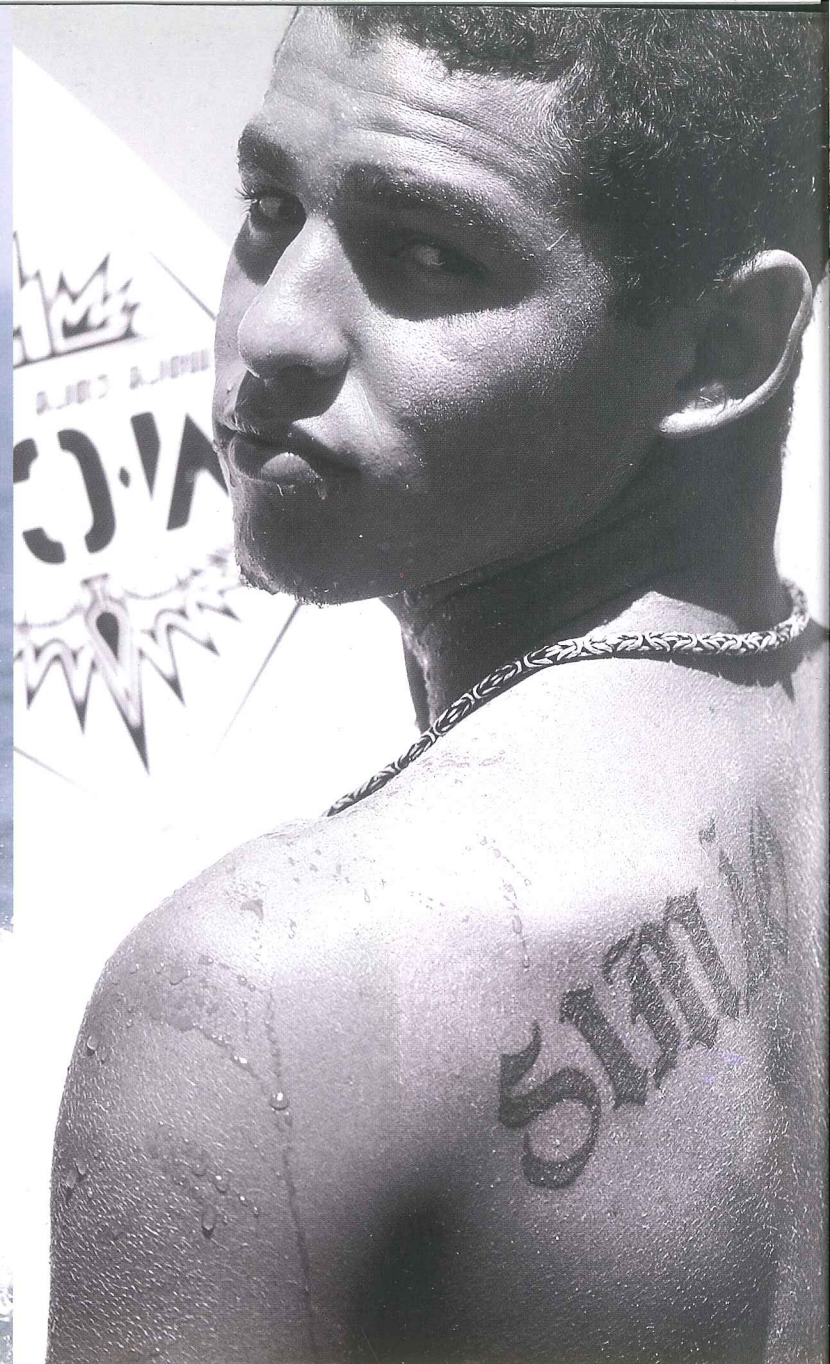


Central de vendas: (011) 5851-6848 • mkivibe@sunguider.com.br • Foto por Cesar • www.megagroup.com.br

Aumente o volume...



Vibe Boardshop
www.vibehouse.com



Simão Romão by Fabio Minduim

Campeão da Primeira Etapa do Free Surf Rio Pro 08
Atleta Star Point

São Paulo

Moema - 11 5561.1504
Shop. Anália Franco - 11 6672.2687
Shop. Eldorado - 11 3812.1030
Shop. Jardim Sul - 11 3501.8388
Shop. Villa Lobos - 11 3022.2657
Shop. West Plaza - 11 3873.9349
Shop. Morumbi - 11 5181.1540
Shop. Boulevard Tatuapé - 11 6225.7070
Breve nova loja - Shop. Bourbon
S. B. Do Campo
Shop. Metrôpole - 11 4124.7553

Mogi das Cruzes

Mogi Shop. - 11 4799.9238
Ribeirão Preto
Jardim Irajá - 16 3911.1260
Campinas
Shop. Iguatemi - 19 3294.5301
S. J. dos Campos
Shop. Colinas - 12 3921.3330
Guarujá
Praia das Pitangueiras - 13 3382.2427
Florianópolis
Shop. Iguatemi - 48 3239.8333

Rio de Janeiro

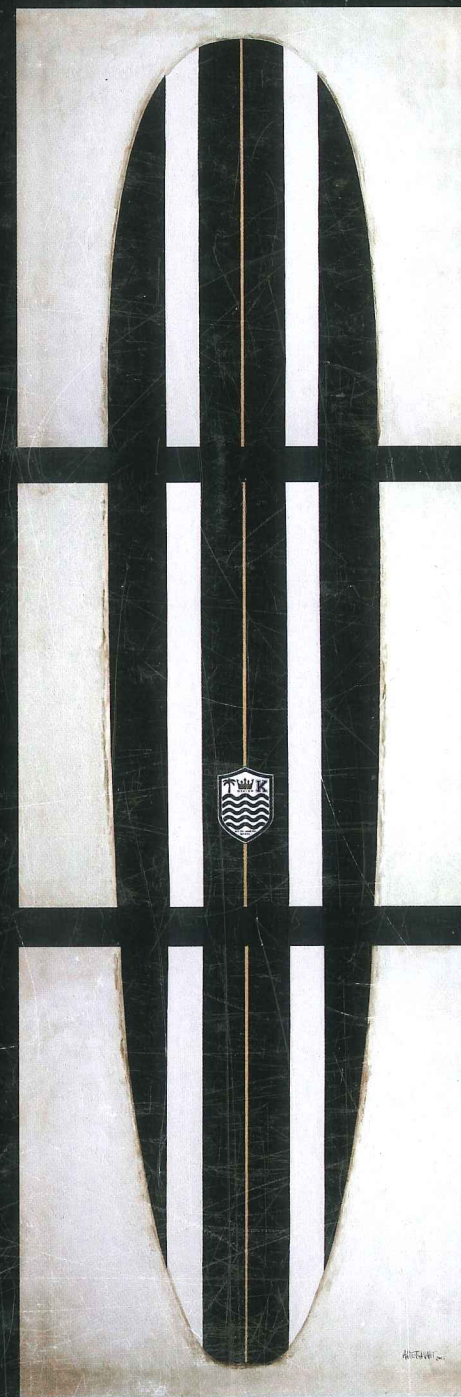
Shop. Rio Sul - 21 2295.1682
Barra Shopping - 21 3089.1020
Shop. Plaza Niterói - 21 2719.8691
Norte Shopping - 21 2592.6361
Shop. Leblon - 21 3138.8777
Shop. Tijuca - 21 3234.2081

Loja Virtual: www.starpoint.com.br

Franquias: 11 5053.4365



starpoint.com



OSKLENSURFING